PESQUISAS

Antropologia nº 30 Ano 1979

Pedro Ignacio Schmitz
Sílvia Moehlecke
Altair Sales Barbosa

SÍTIOS DE PETROGLIFOS NOS PROJETOS ALTO-TOCANTINS E ALTO-ARAGUAIA, GOIÁS

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. – Diretor
Aloysio Sehnem, S.J. – Coordenador para Botânica
João Oscar Nedel, S. J. – Coordenador para Zoologia

– – –

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.
Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.
A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.
Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**
Pedimos permuta com as revistas do ramo.

– – – –

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.
Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor. Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.
Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**
Wir bitten um Austauch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

– – – –

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language
The author is responsible for his undersigned article.
Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff
Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**
We ask for exchange with publications of similar character.

– – – –

Registro nº 634 – P. 209/73 da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Composto e Impresso na Gráfica UNISINOS

PESQUISAS

Antropologia nº 30 Ano 1979

Pedro Ignacio Schmitz
Sílvia Moehlecke
Altair Sales Barbosa

SÍTIOS DE PETROGLIFOS NOS PROJETOS ALTO-TOCANTINS E ALTO-ARAGUAIA, GOIÁS

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

SÍTIOS DE PETROGLIFOS nos projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás

Pedro Ignacio Schmitz*
Sílvia Moehlecke*
Altair Sales Barbosa*

1. INTRODUÇÃO.

Nos trabalhos de campo dos projetos Alto-Tocantins (1973) e Alto-Araguaia (1974), do Programa Arqueológico de Goiás, foram descobertos e estudados 5 sítios de petroglifos.

1.1. O ambiente.

Um dos sítios está próximo da cabeceira de um formador do rio Tocantins, os 4 restantes localizam-se sobre 2 afluentes do Araguaia; estão entre as cotas altimétricas de 300 e 600 m.

A paisagem é típica do Planalto Brasileiro, no divisor de águas entre os afluentes do Amazonas, do Paraná e do São Francisco, apresentando relevo de pouco movimento, com algumas cristas em rochas cristalinas pré-cambrianas.

O clima geral da área é caracterizado por Gaussen como sendo tropical quente de seca atenuada, com uma precipitação entre 1.500 e 2.000 mm, concentrada no semestre de verão, uma estação seca de 3 a 4 meses, concentrada no semestre de inverno e um índice xerotérmico entre 40 e 100. A temperatura do mês mais frio é de 15°C.

Os solos correspondem aos do cerrado do Brasil Central, mas existem diversificações marcadas, responsáveis em grande parte pela diversidade da vegetação.

---

* Bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Esta é predominantemente o cerrado e o cerradão ou floresta estacional subcaducifólia tropical xeromorfa; mas existem ao longo dos cursos de água, galerias mais ou menos largas de floresta mesófila estacional subcaducifólia tropical pluvial, que se adensa no chamado Mato Grosso Goiano.

Os recursos de que podia dispor uma população indígena eram bastante razoáveis: nas superfícies cobertas por matas, geralmento o solo se presta para o cultivo; os cerrados, além de oferecerem abundantes recursos vegetais na estação da chuva, abrigam uma caça considerável; complementarmente os rios da bacia do Araguaia são muito piscosos na estação da seca.

1.2. O povoamento da área.

Todos os sítios encontram-se em áreas de horticultores, nas quais até hoje não se localizaram assentamentos de caçadores pré-históricos.

Esses grupos de horticultores, com diferentes sistemas de abastecimento, deslocaram-se pelas galerias de floresta mesófila, provavelmente a partir do século VIII, ou um pouco mais cedo. (Ver mapas, fig. 2 e 3.)

O grupo horticultor mais antigo é o da fase Mossâmedes, de tradição ceramista ainda não bem definida, mas ligada à Sapucaí e Aratu. Seus vasilhames piriformes e esféricos, com ausência total de "assadores", sugerem que não usavam a característica tecnologia amazônica de transformação da mandioca amarga, mas uma outra tecnologia alimentar (Brochado, 1977), que se encontra muito difundida para o leste, em Minas Gerais com a tradição Sapucaí; no Espírito Santo, na Bahia, no Piaui e outros estados vizinhos, com a tradição Aratu. Sua alimentação provavelmente era variada e poderia ter como ingredientes milho, feijões, mandioca e tubérculos. O antiplástico de sua cerâmica, inicialmente mineral, foi sendo gradualmente substituído por uma variedade de cariapé. Os grupos dessa fase ocupam densamente a parte central e oriental do Mato Grosso Goiano, que é a região de mata mais desenvolvida, e abrange os altos afluentes do Tocantins, do Paranaiba e parcialmente do Araguaia. Suas aldeias mais antigas, datadas, são do começo do século IX.

Em fins do século XII aparece sobre o Araguaia e seus afluentes o segundo grupo, os cultivadores de mandioca de tradição amazônica, com seus vasilhames característicos. Até agora definimos cinco fases: Aruanã, Itapirapuã, Uru, Jaupaci e Uruaçu.A todos estes horticultores, na área por nós pesquisada, incluimos na

tradição cerâmica Uru. Esses cultivadores vão ocupar densamente os afluentes do Araguaia, mas também partes consideráveis do Uru/Almas, da bacia do Tocantins e pontos esparsos da bacia do Paranaiba.

Os mais antigos são os das fases Aruanã e Itapirapuã. São portadores dos pratos de mandioca, ou assadores, utilizados na Amazônia para a fabricação do beiju, dos grandes tigelões rasos de borda reforçada, característicos do processamento da mandioca e dos jarros necessários para a fermentação e conservação de bebidas. O antiplástico dos seus vasilhames é exclusivamente o cariapé. Ocupam a bacia do rio Vermelho, afluente do Araguaia.

As fases Uru e Jaupaci, entre o território da fase Mossâmedes e o das fases Aruanã e Itapirapuã, mostram progressiva e radical transformação da tecnologia alimentar, usando inicialmente muitos recipientes como os da vizinha fase Mossâmedes e no final exclusivamente os de transformação da mandioca, como os da Aruanã e da Itapirapuã. O antiplástico, inicialmente de preferência mineral, é substituído paralelamente por um tipo de cariapé, depois por outro. Cremos que essa modificação pode ser explicada como um fenômeno de aculturação na fronteira entre duas tradições. As aldeias da fase Uru foram localizadas densamente nas matas do rio Uru, da bacia do Tocantins, havendo um sítio isolado sobre o rio Corumbá e outro aculturado sobre o rio Turvo, ambos da bacia do Paranaiba. As aldeias datadas, mais antigas, correspondem ao século XIII.

A fase Uruaçu, na bacia do rio das Almas, um dos formadores do Tocantins, apresenta semelhanças com as duas anteriores, sendo possivelmente contemporânea.

Um terceiro grupo de horticultores, também usando a tecnologia de transformação amazônica da mandioca amarga, vai disputar a área: os portadores da tradição ceramista Tupiguarani, subtradição Pintada. Este grupo realizou um povoamento denso no vale do Paranaiba, na extremidade sul do Estado de Goiás; existem sítios mais esparsos nas bacias dos rios Claro e Vermelho, afluentes do Araguaia. A cronologia da tradição Tupiguarani de Goiás ainda não oferece clareza. As únicas datas são do século XIV e XV, mas a tradição parece mais antiga na área, talvez contemporânea da fase Mossâmedes.

Ainda desconhecemos quase tudo sobre o pequeno grupo de horticultores da fase Itaberaí, de tradição ceramista ainda não determinada, que formaria o quarto grupo. Alguns elementos parecem Tupiguarani, como o antiplástico de caco moído, a decoração corrugada simples, o banho laranja, os tembetás, os afiadores em

canaleta; outros parecem ser do padrão Mossâmedes, como o antiplástico mineral de um dos sítios e as formas. É possível, inclusive, que se trate de uma formação nova, reunindo elementos diferentes, como o Tupiguarani e o Mossâmedes. Apesar de não termos nenhum elemento seguro para a cronologia, pensamos que a fase pode ser recente, devido principalmente ao fato de parecer uma fusão de elementos pré-existentes e fortemente estabelecidos e de tratar-se de apenas duas aldeias, colocadas à margem do povoamento principal. (Schmitz, Barbosa, Wüst, 1976; Schmitz, 1976-1977.)

Não temos fatos para atribuir a produção dos petroglifos a um determinado grupo desses horticultores. Pensamos que as sinalações foram produzidas por grupos horticultores da área porque junto de algumas aparecem fragmentos cerâmicos, na área não foram encontrados sítios de caçadores e o estilo das gravações se distancia muito daquelas do sudoeste que parecem ser dos grupos pré-cerâmicos. Não temos, no momento, condições de estabelecer conexões mais claras.

1.3. Objetivos e técnicas.

Os petroglifos foram documentados quando se realizou a pesquisa das populações horticultoras da área, visando a estabelecer a distribuição dos grupos, sua cronologia, migrações e padrões de assentamento.

A documentação de campo foi a tradicional para os sítios de petroglifos: fotografia e cópia sobre lâminas de plástico transparente, com as necessárias anotações sobre o ambiente. Não foram realizados cortes nas proximidades, mas o local foi percorrido cuidadosamente em busca de outros restos culturais.

Em laboratório, os materiais foram copiados, reduzidos e classificados. O trabalho de campo foi feito por Pedro Ignacio Schmitz, Altair Sales Barbosa, José Proenza Brochado, Irmhild Wüst e alguns alunos da Universidade Católica de Goiás. A classificação e redação esteve a cargo de Sílvia Moehlecke e Pedro Ignacio Schmitz. O desenho e redução das figuras foi obra de Clóvis N. Savi e Pedro Ignacio Schmitz.

Nosso objetivo geral foi documentar a arte rupestre da área pesquisada, visto deteriorar-se inexoravelmente; para isso procuramos reproduzir integralmente as mencionadas sinalações. O específico é mostrar as semelhanças e diferenças morfológicas entre os sítios; para isso fizemos uma classificação fundamentalmente morfológica, seguindo um esquema semelhante ao desenvolvido por

Guidón (1975) para as pinturas do Piauí. A terminologia usada é a de Gradin (1971). Nessa classificação existe uma dificuldade em separar os motivos abstratos dos representativos estilizados e esquematizados. Apesar desses problemas, cremos ter condições de mostrar que os cinco sítios de petroglifos estudados formam três unidades estilísticas diferentes: a primeira formada pelo sítio de Jaraguá, com representações nitidamente antropomorfas, estilizadas, sobre uma lápide em pé; a segunda, formada pelo sítio de Jaupaci, onde os elementos predominantes são abstratos geométricos ou representativos esquematizados antropomorfos, sobre bloco quase vertical; a terceira, formada pelos três sítios de Jussara, onde temos o que parecem ser representações naturalistas zoomorfas, ao lado de representações estilizadas e esquematizadas zoomorfas e fitomorfas e abstrações punctiformes, geométricas e livres.

Não fizemos comparações com outros sítios de sinalações dentro da área porque a maior parte da mesma está inexplorada e, a que tem pesquisas, está inédita.

2. OS SÍTIOS

Os sítios encontram-se, com foi mencionado, nos seguintes municípios: 1 em Jaraguá, 1 em Jaupaci, 3 em Jussara.

2.1. O petroglifo de Jaraguá: GO-NI-54.

Ver figuras 4 e 5.

O sítio, localizado no município de Jaraguá, encontra-se numa lombada paralela à serra do mesmo nome do município e dista 240 m de um ribeirão bastante caudaloso, cujo nome desconhecemos e que pertence à bacia do rio das Almas. A margem direita desse ribeirão apresenta uma planície coberta de capim Jaraguá, e é varrida pelas enchentes; a margem esquerda, que se eleva lentamente, é cultivada. Ao longo do curso d'água sobra uma estreita fímbria de árvores, resto de mata ciliar; uma parte da área vizinha ao sítio é coberta de cerrado.

O bloco de pedra, sobre o qual está o petroglifo é uma laje de arenito, um pouco inclinada para trás na sua parte mais alta, mais espessa na base que no topo. A face exposta, levemente convexa, está coberta pela sinalação. A superfície desta face não é bem regular, apesar de os planos de clivagem serem aproximadamente paralelos; existem saliências que servem de pontos de apoio para quem sobe na pedra. A face escondida é irregular e não apresenta sinais. A pedra mede 3,10 m de altura, 3,40 m de largura na base,

1,60 m de espessura. É circundada por uma saliência de uns 50 a 60 cm de largura, quase ao nível do chão, como se fosse um pedestal.

O bloco do petroglifo forma um conjunto com o afloramento, que lhe está fronteiro, distante uns 30 m, que é de mais fácil acesso e termina num conjunto de blocos encimados por uma plataforma, da qual se pode observar a laje com a sinalação.

A face exposta do bloco, sobre a qual se encontram os sinais, está quase totalmente coberta por líquens verdes e cinzentos, que dificultam a visão das figuras e com isso a sua fotografia ou cópia. Segundo informantes locais esta face já foi lavada com esponja de aço por pessoa interessada na fotografia, que também teria retocado os sulcos com giz.

Nas valetas abertas pela erosão e o pisoteio do gado, aparecem lascas de quartzo ou quartzito, pequenas e irregulares, que ainda não sabemos se são naturais ou feitas pelo homem. Nas lavouras do lado esquerdo do ribeirão encontram-se, em conformidade com os moradores, cacos de cerâmica; a profundidade da água nos impediu o acesso. Por enquanto não podemos relacionar a sinalação com uma fase arqueológica, supondo, entretanto, que foi produzida por um grupo horticultor.

As figuras são produzidas por raspagem: o fundo do sulco é liso, o perfil em U aberto; a profundidade vai de 0,5 a 1 cm, as depressões maiores até 2,5 cm. A largura varia de 1 a 3 cm. As figuras maiores são representadas em tamanho natural.

O painel tem características únicas, representando figuras humanas. Características comuns: são feitas com sulcos, representam humanos em visão frontal, aproximadamente simétrica e sem movimento, com cabeças ovais ou circulares, algumas usando cocares, outras não. Os rostos são realizados com poucas depressões, os corpos com um ou mais sulcos, braços abertos, dobrados; as mãos, quando representadas, com 3 a 5 dedos, as pernas abertas, sem pés. São figuras muito simples, sem muita técnica. O conjunto das figuras, olhando na cópia, dá a impressão de um quadro ordenado, com hierarquia, mas esta ordem possivelmente tenha surgido da própria superfície disponível, que foi totalmente preenchida, repetindo figuras semelhantes enquanto havia espaço.

Embora não dê para identificar todas figuras, devido ao emaranhado dos sulcos e as condições de preservação, podem-se distinguir com uma certa nitidez as seguintes:

1 - Antropomorfo. Cabeça ovóide, com 4 depressões, representando olhos, nariz e boca. 13 sulcos formando cocar. Corpo constituído por 3 sulcos paralelos, cuja continuação forma as

pernas e o órgão sexual masculino. Braços abertos, antebraços erguidos, 4 ou 5 dedos na mão esquerda, um (ou faca) na direita. Há outros sulcos que não sabemos explicar.

2 - Antropomorfo. Cabeça elíptica, com 6 depressões, que poderiam ser olhos, nariz e boca. Também poderia ser escudo. O fato de não se ter completado a figura, apesar de haver espaço, nos faz pensar que pode ser uma cabeça troféu, ou um escudo.

3 - Antropomorfo. Cabeça ovóide, com 3 depressões, representando olhos e nariz ou boca. Corpo elipsóide, formado por sulco central e 2 laterais. Braços abertos, o esquerdo com o antebraço levantado, o direito baixado. Sem mãos. Pernas abertas, estendidas.

4 - Antropomorfo. Cabeça elíptica, com duas depressões, representando os olhos. Do corpo se distingue claramente só o sulco central. Braços e pernas difíceis de discernir entre os diversos sulcos.

5 - Antropomorfo. Cabeça circular (uma depressão), corpo formado por um sulco. Braços abertos, os antebraços levantados. Pernas abertas, estendidas.

6 - Antropomorfo. Cabeça ovóide, com 5 depressões, representando olhos, nariz e boca. Cocar com 8 sulcos.

7 - Antropomorfo. Cabeça circular, com duas depressões representando os olhos.

8 - Antropomorfo. Cabeça elíptica, contendo uma depressão para representação da face. Cocar com 3 ou 4 sulcos visíveis. Corpo formado por 2 sulcos curvos. Braços abertos, com antebraço levantado, 5 dedos nas mãos.

9 - Antropomorfo. Cabeça circular (depressão). Um sulco para o corpo. Pernas abertas, estendidas. Braços abertos, com os antebraços levantados.

10 - Antropomorfo. Cabeça circular (depressão). Um sulco para o corpo. Pernas abertas, estendidas. Braços abertos.

11 - Antropomorfo. Cabeça circular, com 3 depressões representan-

do a face. 8 sulcos formando cocar. Sobre a figura sulcos mais finos, que não combinam com o resto do petroglifo e poderiam ser recentes.

12 - Antropomorfo. Cabeça elíptica, com duas depressões representando os olhos, um sulco mais largo na parte inferior, representando o nariz. 11 sulcos formando o cocar. Corpo com 2 sulcos. Braços abertos com os antebraços levantados, 5 dedos na mão esquerda, 4 na direita.

Além destas figuras existem outras, algumas parecendo "tridáctilos", além de depressões e sulcos, cuja combinação desconhecemos. Ainda não temos condições de interpretar o quadro, mas chamou nossa atenção a distinção entre figuras usando cocar e outras sem cocar, que tentativamente podemos identificar como homens e mulheres, respectivamente. O homem mais destacado (em posição mais elevada), está mais bem acabado e parece ter uma certa preeminência sobre as outras figuras humanas. No seu lado direito está a figura que poderia ser uma cabeça ou um escudo, que parece estar ligada à sua posição.

2.2. O sítio de Jaupaci: GO-JU-28.

Ver figuras 6 e 7.

Sítio na margem do rio Claro, afluente do Araguaia, no município de Jaupaci.

O rio forma ali um rápido, encaixado como se encontra num afloramento de granito, que apresenta blocos arredondados numa extensão de várias centenas de metros. A região está coberta, em sua maior parte, de cerrado, mas ao longo da margem existe mata ciliar.

O rio é muito piscoso na época da seca e os peixes são mais fáceis de pegar na corredeira.

O bloco, sobre o qual se encontra a sinalação, tem uma face plana e lisa de 1,50 X 2,20 m, a parte de cima um pouco inclinada para trás. Os numerosos outros blocos não apresentam nenhum sinal. No tempo da seca o bloco está 2,70 m sobre o nível do rio, no tempo da inundação, quando as águas sobem até 3,50 m acima deste nível, cobrem-no quase completamente.

Tirando uma pequena parte, a face do bloco encontra-se coberta de sinais, feitos por raspagem. Os sulcos são rasos, medindo 1 mm de profundidade ou menos e podem ser percebidos por serem mais claros que o resto da superfície, que é cinzenta. As figuras maiores cobrem toda a altura do bloco.

Além dos sinais bem visíveis existem vestígios de outros. Os bem definidos foram copiados, os demais, indicados na medida em que eram visíveis.

Dentro dos sulcos, e eventualmente fora dos mesmos, havia restos de pigmentos alaranjados, que poderiam ser vestígios de uma pintura feita por indígenas, ou um retoque moderno de amador inexperiente.

O petroglifo está bem conservado, embora haja riscos feitos com giz e com pedra, que não afetaram as gravações. A ocorrência foi copiada sobre lâmina de plástico transparente e fotografada.

A sinalização, que é diferente das outras, está numa área, onde 3 fases de ceramistas estão se interpenetrando: fase Mossâmedes, fase Jaupaci (trad. Uru), fase Iporá (trad. Tupiguarani, sub-trad. Pintada). Na proximidade deste sítio não se encontraram restos cerâmicos, porque o local está coberto por cerrado ou mato. Até agora não foram registrados sítios líticos.

As figuras se compõem de sulcos em forma de linhas retas ou levemente sinuosas e círculos ou elipses, além de superfícies alisadas, compondo motivos geralmente abstratos geométricos, excepcionalmente representativos esquematizados antropomorfos.

1. 2 Sulcos cruzados em X.
2. Superfície alisada subcircular. Dentro dela se vislumbram sulcos atualmente impossíveis de identificar. Por baixo de 1 e 2 uma superfície alisada, apenas perceptível.
3. Antropomorfo, formado por 2 círculos (cabeça e corpo) e 4 sulcos retos, formando braços e pernas. A figura é atravessasa por um sulco alongado independente.
4. 2 círculos concêntricos cortados por sulco reto. Menos claros, 2 outros sulcos.
5. Conjunto formado por um sulco levemente sinuoso, que corta 4 conjuntos de círculos (ou elipses) concêntricos. Nos interstícios laterais, alinhados paralelamente, círculos com depressão central. Debaixo e nas proximidades deste conjunto existem outras representações semelhantes, pouco nítidas.

2.3. Os sítios de Jussara.

2.3.1. Os sítios.

Os três sítios encontram-se na bacia do rio Vermelho, sobre pequenos córregos, quase no divisor de águas com o rio Claro. O

ambiente dos três é semelhante. Todos estão no território da mesma fase cerâmica Itapirapuã, da tradição cerâmica Uru.

2.3.1.1. **O sítio GO-JU-10.**

Ver figuras 8, 9, 10, 11, 12, 13.

Sítio às margens do córrego Molha-Biscoito, da bacia do rio Vermelho, afluente do Araguaia, no município de Jussara.

Sinalações gravadas sobre superfícies alisadas de blocos de granito pouco elevados, os mais altos não passando de 1 metro, a maior parte verdadeiros lajedos no nível do chão aflorando numa extensão de uns 20 X 60 m.

O pequeno córrego Molha-Biscoito se bifurca no começo do lajedo , e abraça uma parte do mesmo, formando uma espécie de ilha, na qual se encontra aproximadamente a metade dos sinais. A outra parte está num setor um pouco mais elevado, contíguo. No tempo da chuva a maior parte do lajedo deve estar debaixo d'água.

O território circunvizinho é hoje coberto por pastos e cerrados. Há grande quantidade de palmeiras babaçu e na beira do córrego resta pequena fímbria de mato. Em outros tempos, os locais mais próximos aos cursos de água teriam mata, os divisores de água, cerrado.

Os blocos estão sendo afetados por fatores meteorológicos, descascando o granito e fraturando os blocos.

As figuras foram produzidas por raspagem. O fundo do sulco é liso, o perfil em "U" aberto. A profundidade varia de 0,2 a 1,5 cm. Em alguns casos parece que a superfície, onde se realizaria o sinal, foi previamente regularizada ou rebaixada. O tamanho das figuras vai desde alguns decímetros até quase 1 metro.

As figuras reunem-se em agrupamentos, mais ou menos densos, de sinais próximos, porque realizados em determinados "nichos", representados por pequenas extensões planas da rocha, que podem ser topos ou paredes de blocos ou superfícies regulares do próprio lajedo. Uma extensão muito grande da superfície do lajedo exposto está coberta pelas gravações.

O petroglifo está numa região ocupada por grupos horticultores (fase Itapirapuã, trad. cerâmica Uru) e sobre o lajedo apareceram fragmentos muito pequenos de cerâmica, que poderiam ser desse grupo.

2.3.1.2. **O sítio GO-JU-11.**

Ver figuras 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22.

Sítio no lajedo de Santa Fé, no município de Jussara. O lajedo é um afloramento, aproximadamente plano, de limonita, com algumas centenas de metros de extensão. Em alguns pontos o lajedo é interrompido por fina camada de solo, que dá origem a uma vegetação de tipo cerrado.

As sinalações estão distribuídas em 2 grupos: GO-JU-11A é uma extensão pequena, num dos extremos do lajedo, onde há numerosas gravações concentradas, em regra geral menores que as do GO-JU-11B, que dista uns 200 m, e onde as gravações são maiores, mais dispersas e distribuídas ao longo da Lagoa do Lajedo, uma depressão cheia de água no tempo da chuva e seca no inverno.

A vegetação predominante é o cerrado.

Os fatores meteorológicos atingem seriamente a rocha, de modo que a superfície está áspera e granulosa. Os supersticiosos afetam as sinalações, acendendo velas sobre as mesmas na expectativa de alcançarem riquezas.

As figuras foram produzidas por raspagem. O fundo do sulco é liso, o perfil em "U" aberto. A profundidade varia de 0,5 a 4,5 cm. O tamanho das figuras vai desde alguns cm até o máximo de 5 m.

Os agrupamentos formados pelos sinais não parecem responder a "nichos" naturais da rocha, que é uniforme e plana. A pequena extensão de rocha descoberta em 11A está densamente sinalizada por figuras predominantemente pequenas, ao passo que só uma pequena porção do 11B, a que margeia a Lagoa do Lajedo, apresenta conjuntos, distanciados e pouco densos, de figuras grandes.

O petroglifo está numa região ocupada por grupos horticultores (fase Itapirapuã, trad. cerâmica Uru).

2.3.1.3. **O sítio GO-JU-25.**

Ver figuras 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31.

Sítio às margens do córrego Pintura, no município de Jussara, sobre lajedo, quase plano, de limonita, que aflora numa extensão de uns 200 m por um máximo de 50 m de largura.

O córrego deve cobri-lo parcialmente no tempo da chuva, atingindo provavelmente a parte que não tem sinais.

A vegetação na localidade é cerrado, existindo palmeiras babaçu e buriti na beira da água.

O lajedo sofre as condições climatéricas, mas os sinais estão bem conservados. Ultimamente a população das fazendas começou a usar o local para piqueniques.

As figuras foram produzidas por raspagem. Os sulcos são profundos, 1 a 5 cm. O fundo é plano, o perfil em "U" aberto. O tamanho das figuras vai de alguns decímetros até 32 m.

Os agrupamentos de sinais não parecem responder a "nichos" naturais da rocha, que é uniforme e plana, mas formam uma série de conjuntos na estreita faixa central do lajedo, deixando a maior parte da superfície desaproveitada.

O petroglifo está numa região ocupada por grupos horticultores (fase Itapirapuã, trad. cerâmica Uru).

Uns 80% das figuras foram copiadas em lâminas de plástico transparente e uma parcela menor fotografada. A exigüidade de nosso tempo de estadia impediu que completássemos o trabalho. O conjunto mais prejudicado foi o f. onde as figuras são maiores e mais emaranhadas, parecendo grandes cobras, uma das quais com mais de 30 m.

2.3.2. A classificação dos sinais.

As figuras do petroglifo de Jaraguá, em sua maior parte são representações estilizadas claramente antropomorfas, as do petroglifo da Jaupaci abstratas geométricas e esquematizadas antropomorfas. Com isso a sua classificação por significado não oferece maiores problemas.

As figuras dos petroglifos de Jussara (fig. 13, 22, 31) não apresentam um significado claro. Algumas parecem certamente representativas naturalistas (pegadas: nº 2, 3, 5), ao passo que outras parecem abstratas (punctiformes, geométricas, ou livres: nº 1, 4, 6, 7, 8; no GO-JU-10: 9, 11; no GO-JU-11: 9, 10, 11, 12). Mas as outras representações, GO-JU-10: 10 parecem representações estilizadas de plantas floridas; GO-JU-11: 13, 14, 17, e GO-JU-25: 9-17 é possível que representem, de forma estilizada ou esquemática, serpentes; GO-JU-11: 15 e 16, talvez também alguns dos subtipos de GO-JU-25:12, poderiam ser representações estilizadas de peixe.

A razão por que suspeitamos que nos casos mencionados se pode tratar de cobras é que a figura GO-JU-11:14l parece ser uma sepente, reunindo uma série de características encontradas depois, isoladas ou agrupadas, em outras figuras; por sua vez estas características aparecem em outras figuras ligadas a novos elementos, de modo que no final se tem um conjunto de características que parecem identificadoras da serpente. As características principais

são: a cabeça, o rabo, as perninhas ao longo do corpo, as cadeias de malhas.

Para ilustrar: GO-JU-11:14I parece uma cobra com cabeça (dupla), rabo em 3 pontas, perninhas ao longo do corpo. Em GO-JU-11:17 temos uma cadeia de anéis terminando em três pontas. GO-JU-25:16B é um sulco de 32 m, com uma extremidade terminando no córrego, a outra em cabeça dupla. Este sulco se cruza com numerosos outros, num complexo emaranhado, um dos quais (sulcos) termina em cabeça (GO-JU-25:16A). GO-JU-25:12 pareceria um peixe se não estivesse tão dobrado e não tivesse, como no 12E, uma cabeça saliente; algo semelhante poderia ser o 12F. Se o 12E e o 12F são serpentes, enroladas, porque não todas as figuras do 12?

Pela proximidade das figuras (ver GO-JU-11A a, fig. 16), onde teríamos uma grande cobra, cercada por numerosos outros sinais, suspeitamos que outras figuras podem estar relacionadas com a mesma idéia e sua representação esquemática, ou estilizada.

Uma vez que muito poucos elementos parecem representações naturalistas e de seres reais e apenas uma reduzida parcela dos outros parecem meras abstrações, pensamos que um grande número de figuras representam elementos naturais ou sobrenaturais, de uma forma estilizada, ou esquemática.

O nosso estudo ainda não avançou suficientemente para compreendermos melhor o seu sentido. No caso concreto, os sinais provavelmente estão ligados ao mito e sua recriação no rito e só a partir da compreensão do seu sentido e da sua função teremos condições de fazer uma classificação significativa.

A nossa classificação é, por essa razão, completamente tentativa. A classificação das figuras pela mera posição dos elementos componentes não levaria a nada, a classificação pelo significado das figuras ainda é impossível. Por isso tentamos aproximar as figuras por semelhanças morfológicas para chegarmos a uma comparação inicial e transitória dos sítios.

Foram estabelecidos tipos classificatórios para cada sítio. Os números de 1 a 9 têm as mesmas características gerais nos 3 petroglifos; quando há semelhanças nos demais, elas são expressamente indicadas.

2.3.2.1. Os tipos do GO-JU-10.

Ver figura 13. Também figuras 22 e 31, números 1 a 9.

1. Sulcos geralmente retos, excepcionalmente curvos, isolados,

justapostos, convergentes, ou cruzados. Aparentemente abstratos.

2. Pegadas de animais, mamíferos de patas bipartidas, formadas por 2 sulcos alongados, convergentes em ângulo agudo; pegadas com 4 depressões elípticas.
3. Pegadas formadas por 3 sulcos alongados convergentes (aves) ou 4 sulcos convergentes. O calcanhar pode estar representado pelo prolongamento do sulco mediano, ou por uma depressão isolada. Ocasionalmente alinhadas.
4. Número maior do que 4 sulcos convergentes.
5. Pegadas semelhantes às humanas, podendo apresentar 3, 4 ou 5 impressões de dedos. Ausente no GO-JU-10.
6. Depressões circulares, isoladas ou agrupadas.
7. Sulcos formando círculos simples, concêntricos, ou com uma depressão central. Ocasionalmente sobrepostos ou ligados.
8. Sulcos formando elipses ou figuras semelhantes, preenchidas por sulcos retilíneos, únicos, paralelos ou cruzados.
9. Figuras de contorno circular, elíptico, ovóide ou semelhante, preenchido por sulcos retilíneos, curvilíneos, circulares, ou depressões, organizados de uma forma regular. Eventualmente sobrepostas ou ligadas.
10. Figuras mais complexas que compartilham alguns dos seguintes elementos: um sulco central (como se fosse o caule de uma planta), numa das extremidades um campo delimitado circular ou elíptico, preenchido de várias maneiras (como se fosse flor); ao longo do sulco central, sulcos paralelos, ou oblíquos (como se fossem folhas na haste), ou pequenas depressões agrupadas (como se fossem frutos, ou folhas).
11. Sulcos retilíneos, ou retilíneos e curvilíneos, combinados de formas diversas das anteriores.

2.3.2.2. **Os tipos de GO-JU-11.**

Ver figura 22.

1-9 como GO-JU-10.

10. Sulcos paralelos, que se encontram com outro sulco retilíneo ou curvilíneo.
11. Combinação de sulcos retilíneos e curvilíneos, formando uma figura semelhante a um estribo.
12. Combinação de sulcos retilíneos maiores e menores, que se

cortam, formando uma grade.

13. Figuras compostas por um sulco circular ou elíptico (ou uma depressão), preenchidos ou não e ligados a sulcos retos, curvos ou sinuosos.
14. Figuras compostas por sulco reto, curvo ou sinuoso, uma de cujas extremidades termina em três pontas. Os outros elementos podem ser variados. Esta característica foi selecionada a partir da figura 14l. Mesmas características do GO-JU-25:15.
15. Combinação de depressões para formar uma figura, que lembra um peixe.
16. Figura alongada composta por um sulco externo, que delimita um campo, preenchido por sulcos retilíneos, curvos e pequenas depressões. Mesmas características do GO-JU-25:12.
17. Cadeias formadas por pequenas elipses; cadeia simples terminada em três pontas; cadeia dupla, próxima. Características do GO-JU-25:17.

2.3.2.3. **Os tipos do GO-JU-25.**

Ver figura 31.

1-9. Como GO-JU-10.

10. Figuras compostas por um ou mais círculos, uma elipse, ou um óvalo, que podem estar preenchidos com elementos iguais ou diferentes e aos quais está ligado um sulco (excepcionalmente 2), retilíneo, curvilíneo, sinuoso ou quebrado. 10F parece uma composição de 10 com GO-JU-11:10A. GO-JU-25:10 tem elementos semelhantes a GO-JU-11:13.
11. Combinação numa só figura de motivo 7, com 8 ou 12.
12. Figuras alongadas compostas por um sulco externo, que delimita um campo, dividido por sulcos retilíneos paralelos, às vezes cruzados. Pode ou não apresentar apêndices.
13. Figuras de contorno elíptico preenchido por sulcos. Pode ou não apresentar apêndices.
14. Figuras compostas por sulcos curvilíneos e cuja periferia apresenta sulcos em raios.
15. Figuras que apresentam sulcos retos, curvos, sinuosos, e que terminam em 3 ou 4 pontas. Elementos parecidos a GO-JU-11:14, só que neste a extremidade sempre tem 3 pontas.
16. Longos sulcos uma de cujas extremidades apresenta 1 ou 2

campos ovais preenchidos por sulcos retilíneos cruzados. Quanto a este aspecto tem semelhanza com GO-JU-11:14I.

17. Cadeias de elipses preenchidas com outras elípses. Como GO-JU-11:17.

2.3.3. A composição dos petroglifos.

Ver tabelas nº 5.1, √5.2, 5.3, 6.1 e gráfico 6.2 (fig. 1).

Os motivos encontram-se agrupados nos imensos lajedos formando conjuntos, como se pode ver nos croquis. Os conjuntos estão separados uns dos outros por espaços vazios, que podem conferir a cada conjunto a sua identidade e um sentido próprio.

Em todos os conjuntos se nota um forte predomínio de certos tipos sobre os outros, o que representa uma repetição maior desses tipos.

Por outro lado pode-se observar que as figuras mais simples são mais freqüentemente reproduzidas que as mais complexas.

A composição de cada um dos conjuntos do GO-JU-10 (Tabela nº 5.1) mostra que todos eles apresentam uma reunião diferente quanto à presença e representatividade dos sinais. Geralmente os tipos classificatórios estão representados no mesmo conjunto por diversos dos seus subtipos, sendo raros os casos em que um subtipo está muito mais representado do que os outros.

A ordem de freqüência em que os tipos estão representados no sítio é a seguinte: 7, 6, 3, 9, 1, 2, 10, 11, 4, 8. O tipo 5 está ausente.

Uma parte considerável dos tipos do GO-JU-11, coincidem com os do GO-JU-10. Os conjuntos, nos quais se nota uma predominância dos tipos de 1 a 7, apresentam cada um composição diferente. Também aqui os tipos classificatórios estão representados no mesmo conjunto por diversos dos seus subtipos, com as mesmas características gerais do anterior. A ordem de freqüência em que os tipos estão representados no sítio é a seguinte: 6, 7, 5, 3, 1, 2, 14, 13, 10, 9, 11, 8, 12, 15, 16, 17.

Também no GO-JU-25 cada conjunto tem composição diferente. Já não existe uma predominância tão marcada dos tipos de 1 a 7. Os tipos também aqui estão representados por diversos dos seus subtipos. A ordem de frequência dos tipos no sítio é a seguinte: 7, 3, 9, 10, 12, 13, 8, 5 e 11, 15 e 16, 4, 2 e 14, 1 e 17.

Quando observamos os três petroglifos de Jussara, notamos que eles são muito diferentes dos de Jaupaci e Jaraguá, não podendo ser comparados com eles. Entre si, entretanto, eles

apresentam semelhanças muito grandes, que se encontram na técnica de produção, nos tamanhos e motivos.

Mas também notamos diferenças marcadas. GO-JU-10 tem figuras mais simples e menores. Destes elementos ele comparte muitos com os dois outros sítios, outros não. É gritante a falta de pegadas antropomorfas. O curioso tipo 10, por sua vez, só tem alguma semelhança com a figura 14A do GO-JU-11.

O GO-JU-11 e o GO-JU-25, muito próximos no espaço, têm entre si bastantes elementos comuns, mas suficientes elementos diferentes para os sinais não terem sido classificados num mesmo esquema inicial.

A proximidade entre os três sítios parece ser a seguinte: GO-JU-10 é mais semelhante a GO-JU-11 do que a GO-JU-25; GO-JU-25 é mais semelhante a GO-JU-11 do que a GO-JU-10. Esta escala de semelhanças parece também ser a distância que separa os sítios do rio Araguaia. O mais próximo é GO-JU-25. O mais afastado é GO-JU-10.

Se observarmos elementos que poderiam ser representações de serpentes, elas são numerosas nos dois sítios mais próximos ao Araguaia e praticamente ausentes no mais afastado.

As semelhanças entre esses três sítios de petroglifos pode estar fundamentalmente numa unidade cultural maior: a área toda é abrangida por uma única fase de cerâmica: Itapirapuã. E a mesma diferença existente entre os sítios de petroglifos também se observa entre os sítios cerâmicos: o único sítio cerâmico próximo a GO-JU-11 e GO-JU-25 apresenta uma diferença bastante grande nos seus elementos comparados com os dos sítios próximos ao GO-JU-10. Em outras palavras a diferença entre os sítios cerâmicos dentro da mesma fase é proporcional à diferença entre sítios de petroglifos da mesma unidade estilística. Porque?

2.4. Resumo dos Dados.

	GO-NI-54	GO-JU-28	GO-JU-10	GO-JU-11	GO-JU-25
Município:	Jaraguá	Jaupaci	Jussara	Jussara	Jussara
Rocha:	Arenito	granito	granito	limonita	limonita
Pos. do bloco:	ereto	ereto	horizontal	horizontal	horizontal
Tam. do Petro.:	3,4X3,10m.	1,50X2,20m.	60X20m.	20X30 e 110X10m.	200X20m.
Água Próxima:	Ribeirão anônimo	Rio Claro	Cór. Molha-Biscoito	Lagoa do Lajedo	Cór. do Pintura
Distância:	240m.	encostada	encostada	encostada	encostada
Téc. de prod.:	raspagem	raspagem	raspagem	raspagem	raspagem
Perfil do Sulco:	U aberto	U apenas marcado	U aberto	U aberto	U aberto
Profund. Sulco:	0,5-1,5cm	1mm ou men.	0,2-1,5cm	0,5-1,5cm	1-5cm
Nº de figuras:	12+	5+	251	262	166+
Motivos predominantes:	**represent.** estilizad. antropom.	**abstratos** geométricos; **represent.** esquemat. antropom.	**abstratos** punctiform. geomét. e livres; **represent.** naturalist. zoomorfos, esquemat. fitomorfos	**abstratos** punctiform. geomét. e livres; **represent.** naturalist. zoomorfos e antropom.; estiliz. e esquemat. zoomorfos	**abstratos** punctiform. geomét. e livres; **represent.** naturalist. zoomorfos e antropom.; estiliz. esquemat. zoomorfos
Conservação:	regular	boa	regular	regular	boa

3. PALAVRAS FINAIS.

Os cinco sítios de petroglifos estudados fazem parte de três unidades estilísticas diferentes. A primeira é formada pelo sítio de Jaraguá, com representações nitidamente antropomorfas, estilizadas, sobre uma lápide em pé. A segunda é formada pelo sítio de Jaupaci, onde os elementos predominantes são abstratos geométricos, ou representativos esquematizados antropomorfos, sobre blo-

co quase vertical. A terceira, formada pelos sítios de Jussara, onde temos o que parecem ser representações naturalistas zoomorfas e antropomorfas, ao lado de representações estilizadas e esquematizadas zoomorfas e fitomorfas e abstrações punctiformes, geométricas e livres.

O petroglifo de Jaupaci, além das diferenças nos motivos, apresenta ainda diferenças na técnica de produção.

Há uma probabilidade bastante razoável de que os petroglifos de Jussara tenham sido produzidos por grupos horticultores da área, possivelmente da fase Itapirapuã.

Tudo leva a crer que os de Jaupaci e Jaraguá sejam de grupos ou sociedades diferentes, mas não temos neste momento nenhuma possibilidade de sugerir, sequer tentativamente, que grupos seriam estes.

4. BIBLIOGRAFIA.

BROCHADO, José Proenza

1977 - **Alimentação na floresta tropical.** Inst. Fil. e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, cad. nº 2.

GRADIN, Carlos J.

1971 - **Notas sobre el arte rupestre argentino.** MS.

GUIDON, Niède

1975 - **Peintures rupestres de Várzea Grande, Piaui, Brésil.** Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, vol. 3.

SCHMITZ, Pedro Ignacio

1976/7-Arqueologia de Goiás, seqüência cultural e datações de C-14. **Anuário de Divulgação Científica**, UCG, Goiânia, nº 3 e 4:1-19.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, Altair Sales; WÜST, Irmhild (ed.)

1976 - **Arqueologia de Goiás em 1976**. Resultados prévios do Programa Arqueológico de Goiás, apresentados no II Seminário Goiano de Arqueologia. Universidade Católica de Goiás, Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Goiânia-São Leopoldo.

5. APÊNDICE I.

Distribuição dos subtipos pelos conjuntos nos petroglifos do município de Jussara.

A, B, C, D etc. = conjuntos.
1A, 1B, 1C etc. = subtipos de cada um dos tipos classificatórios.

5.1. GO-JU-10

	A	B	C	D
1A	3		1	3
1B	4	1		
1C			1	
1D	1			
1E				
1F			1	1
1G	1			
T.	9	1	3	4
2A	2			2
2B	1			1
2C			1	
T.	3		1	3
3A	8			3
3B	5		1	1
3C				1
3D	3			1
3E	3			1
T.	19		1	7
4A				1
4B				2
T.				3
6A	24	5	19	4
6B	1	2		
6C	4		1	2
6D	2	2	4	1
T.	31	9	24	7

	A	B	C	D
7A	11		6	5
7B	26	1	20	5
7C	1		1	
7D	2	1	1	1
7E	1			
7F	2			
T.	43	2	28	11
8A				1
8B		1		
T.		1		1
9A	1			
9B	1		1	
9C				
9D				1
9E		4		1
9F			4	4
9G			1	3
9H			1	
T.	2	4	7	9
10A		1		
10B			1	
10C	1			
10D		1		
10E	1			
10F		1		
T.	2	3	1	
11A			1	2
11D	1			1
T.	1		1	3

Não Classificados:
2 1 4

5.2. GO-JU-11

	A	B	C	D	E	F	G
1A	9	1				2	
1B	1		1				
1C		1	1				
1D	3	1		1		2	
1E							
1F	1						
T.	14	3	2	1		4	
2A		1			3	2	
2B	3	1				1	1
2C					1		
T.	3	2			4	3	1
3A	5	3	2	2	5	1	
3B	2	5	1	1	2		
3C	1						
3D			1				
3E			1				
T.	8	8	5	3	7	1	
4A		1				1	
5A	2	7	2	2		1	
5B							
5C	3	5		1		2	
5D	1						
5E		3					
5F		2					
5G		2					
5H	2						
T.	8	19	2	3		3	
6A	6	47			2		
6B	3	4					
6C	4	4		1			
6D							
6E							
6F							
6G							
T.	13	55		1	2		
7A	5	1			1	1	
7B	14	6		1		2	
7C				2	1		
7D	3	2	1	3			
7E				2	1		
7F	1						
T.	23	9	1	8	3	3	

	A	B	C	D	E	F	G
8A		1					
9A						1	
9B					1	1	
9C		1					
T.		1			1	2	
10A	2					2	
10B	1					1	
T.	3					3	
11A						1	
11B	1						
T.	1					1	
12A						1	
13A		1					
13B		1					
13C					1		
13D	1						
13E	1						
13F		1					
13G		1					
T	2	4			1	√1	
14A	1						
14B		1					
14C	1						
14D		1					
14E		1					
14F	1					1	
14G	1						
14H	1						
14I	1						
T.	6	3				1	
15A					1		
16A						1	
17A				1			
Não classificados.							
		2		1			

5.3. GO-JU-25

	A	B	C	D	E	F	G	H
1A								
1B	1							
2A	1							
2B							1	
3A	1	3	2			2	1	
3B	2	2	12			1		
3C			1					2
3D	1							
3E						1		
3F						1		
3G								
T.	6	5	15			5	2	2
4A		1				1		
4B		1						
T.		2				1		
5A	1							
5B	1					2		
5C						1		
T	2					3		
6A	2	3	2	1				
6B	4							
T.	6	3	2	1				
7A	3	1		1	1	1		
7B	5	11	1	3	4	4		
7C	1	1						
7D	1	1				1		
7E		2				1		
T.	10	16	1	4	5	7		
8A	1					1		
8B					1			
8C					2			
8D					1			
T.	1				4	1		
9A	1							
9B					1			
9C			1					
9D				5	1			
9E					2			
9F	1							
9G						1		
9H				1				
T.	2		1	6	4	1		

	A	B	C	D	E	F	G	H
10A		1						
10B						1		
10C		2						
10D		1			1			
10E					1			
10F					1			
10G						1		
10H						1		
T.		4			3	3		
11A						1		
11B					1			
11C			1					
11D					1			
11E		1						
T.		1	1		2	1		
12A			1	1			1	
12B						1		
12C					1			
12D						1		
12E					1			
12F			1					
T.			2	1	2	2	1	
13A			1					
13B							1	
13C						2	1	
T.			1			2	2	
14A	1							
14B					1			
15A		1						
15B		1						
15C					1			
15D					1			
T.	1	2			3			
16A					1			
16B						3		
T.					1	3		
17A						1		

Não classificados

	1	3			5			

6. APÊNDICE II.

GO-JU-10

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	NC	TOTAL
A	8.04	2.68	16.96			27.68	38.39		1.79	1.79	0.89	1.79	112
B	5.00					45.00	10.00	5.00	20.00	15.00			20
C	4.48	1.49	1.49			35.82	41.79		10.45	1.49	1.49	1.49	67
D	7.69	5.77	13.46	5.77		13.46	24.15	1.92	17.31		5.77	7.69	52
T	6.77	2.79	10.76	1.20		28.29	33.47	0.85	8.76	2.38	1.99	2.79	251

GO-JU-11

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	NC	TOTAL
A	17.28	3.70	9.88		9.88	16.05	28.40			3.70	1.23		2.47	7.41				1.85	81
B	2.78	1.85	7.41	0.93	17.59	50.93	8.33	0.93	0.93				3.70	2.78					108
C	20.00		50.00		20.00		10.00												10
D	5.56		16.67		16.67	5.56	44.44										5.56	5.56	18
E		21.05	36.84			10.53	15.79		5.26				5.26		5.26				19
F	16.00	12.00	4.00	4.00	12.00		16.00		8.00	12.00	4.00	4.00		4.00		4.00			25
G		100.00																	1
T	9.16	4.96	12.21	0.76	13.36	27.10	18.32	0.38	1.53	2.29	0.76	0.38	2.67	3.82	0.38	0.38	0.38	1.15	262

GO-JU-25

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	NC	TOTAL
A	3.85	3.85	15.38		7.69	23.08	38.46	3.85						3.85					26
B			13.89	5.56		8.33	44.44	5.56	11.11	2.78					5.56			2.78	36
C			57.69			7.69	3.85		3.85		3.85	7.69	3.85					11.54	26
D						8.33	33.33		50.00			8.33							12
E							20.83	16.67	16.67	12.50	8.33	8.33		4.17	8.33	4.17			24
F			14.29	2.86	8.57		20.00	2.86	2.86	8.57	2.86	5.71	5.71			8.57	2.86	14.29	35
G		20.00	20.00									20.00	40.00						5
H			100.00																2
T	0.60	1.20	19.28	1.81	3.00	7.23	25.90	3.61	8.43	6.02	3.01	4.82	3.01	1.20	2.41	2.41	0.60	5.42	166

6.1. Tabela da freqüência dos tipos classificatórios por conjuntos (em %).
A, B, C etc. – conjuntos. 1, 2, 3, 4 etc. – tipos classificatórios.

6.2.

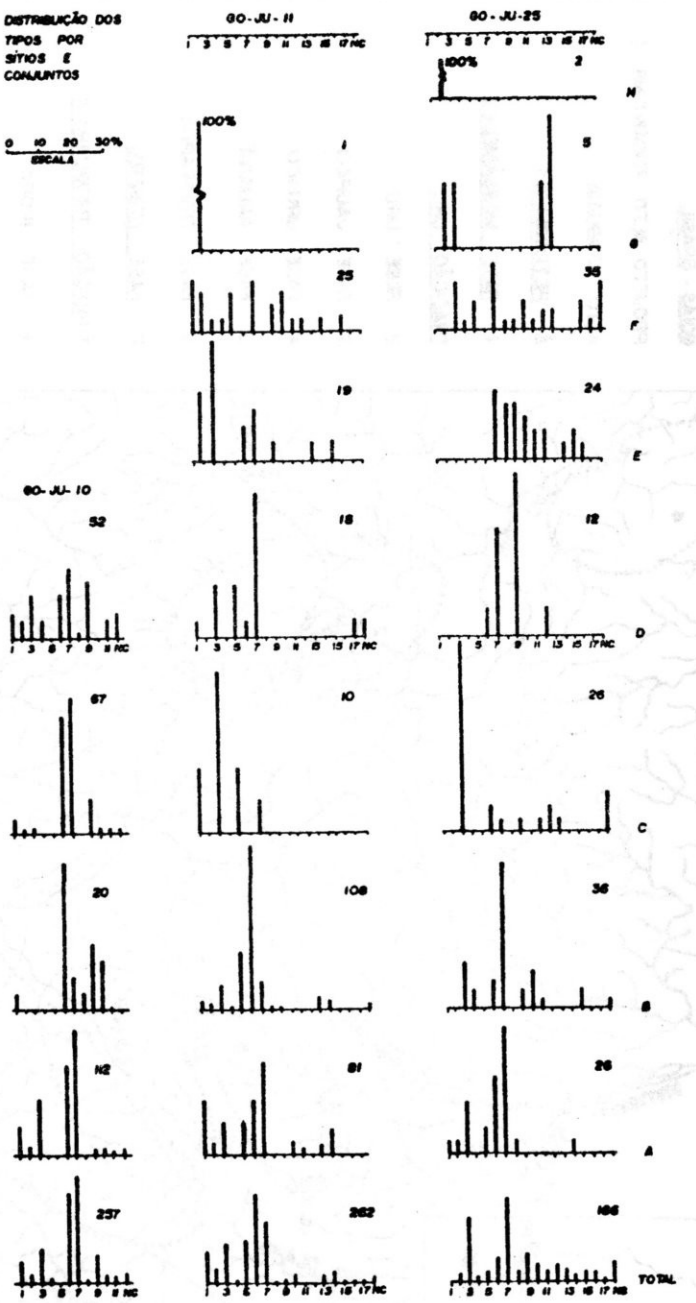

DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS POR SÍTIOS E CONJUNTOS
0 10 20 30%
ESCALA
GO-JU-II
GO-JU-25
GO-JU-10
100%
2
N
1
5
G
25
35
F
19
24
E
52
18
12
D
67
10
26
C
20
108
36
B
112
81
26
A
257
282
186
TOTAL

Fig. 1

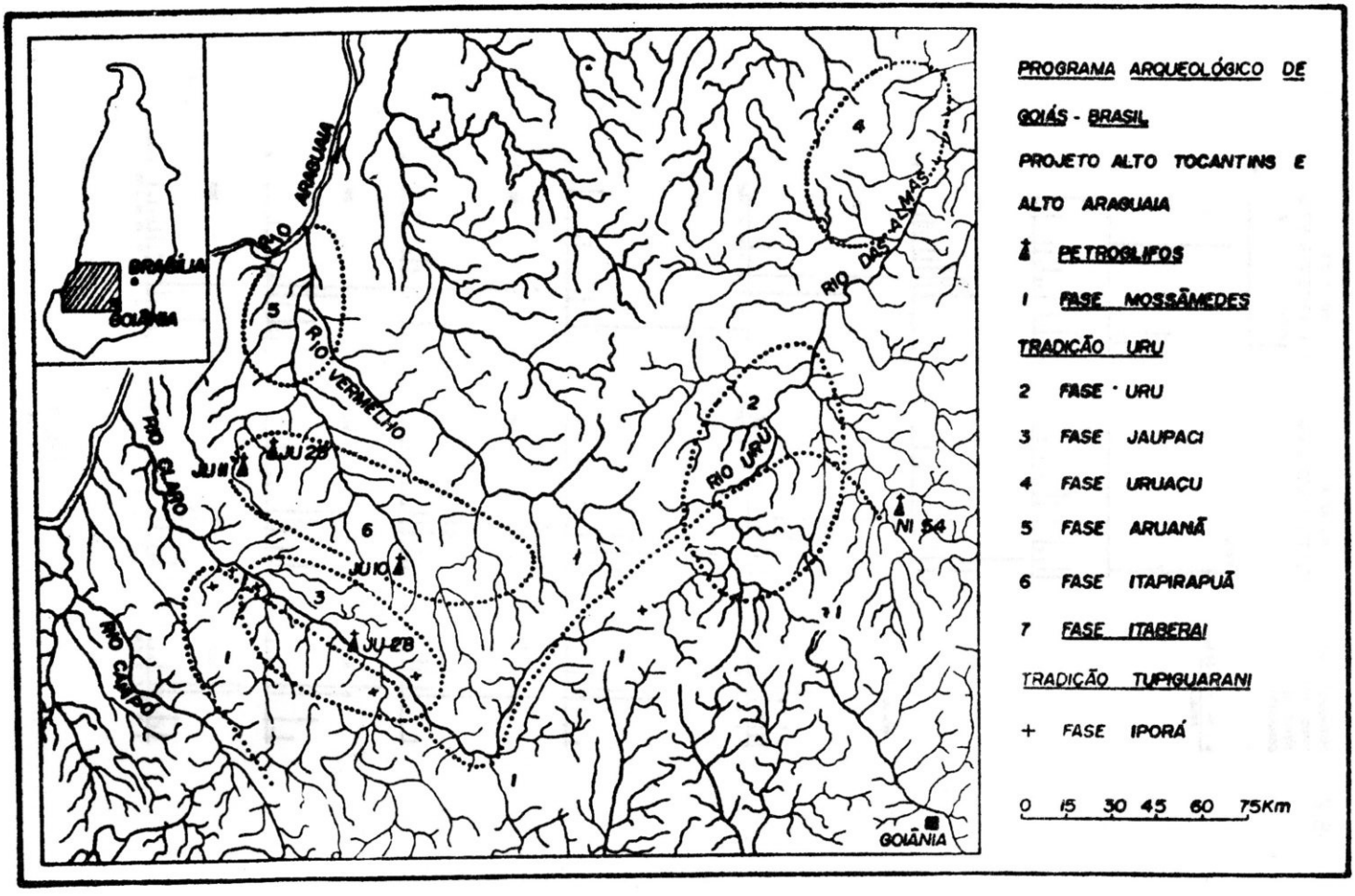
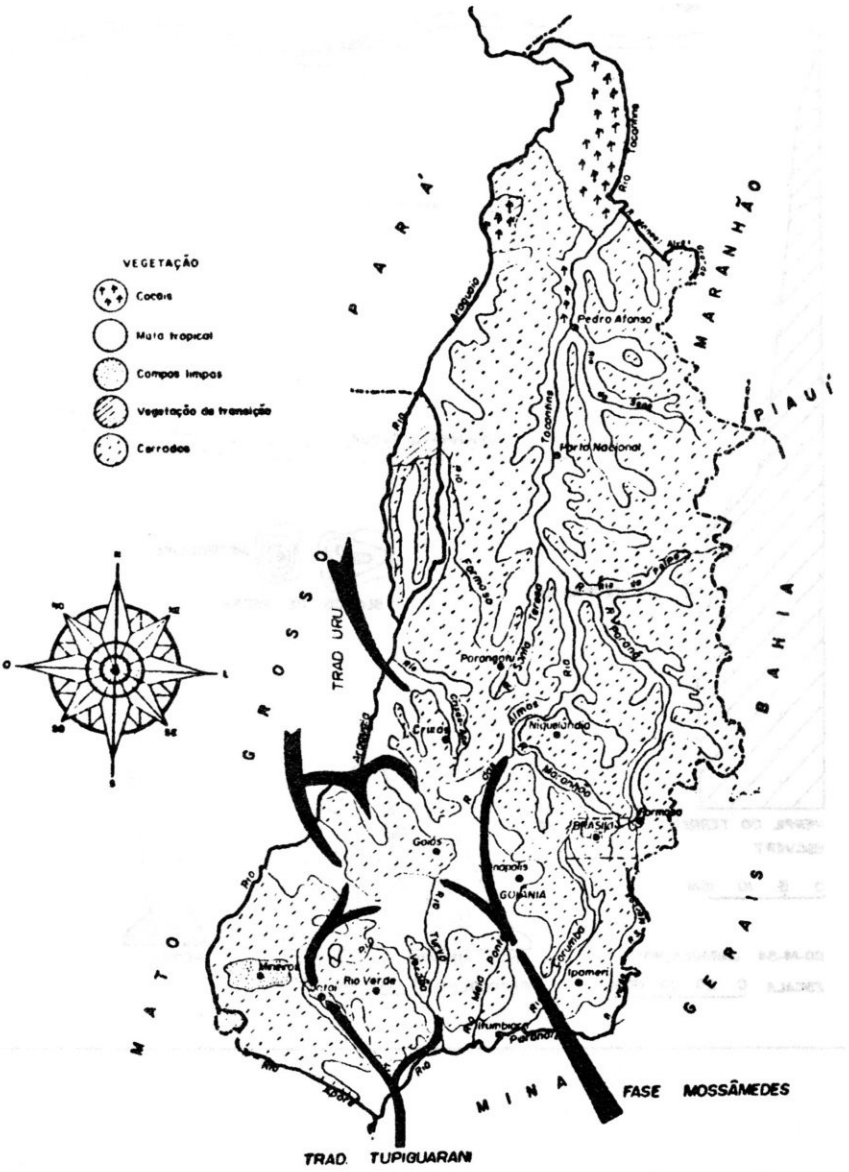

BRASÍLIA
GOIÂNIA
RIO ARAGUAIA
RIO VERMELHO
RIO CLARO
RIO CAMPO
RIO URU
RIO DAS ALMAS
JU 11
JU 29
JU 10
JU 28
NI 54
GOIÂNIA
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS - BRASIL
PROJETO ALTO TOCANTINS E ALTO ARAGUAIA
PETROGLIFOS
1 FASE MOSSÂMEDES
TRADIÇÃO URU
2 FASE URU
3 FASE JAUPACI
4 FASE URUAÇU
5 FASE ARUANÃ
6 FASE ITAPIRAPUÃ
7 FASE ITABERAI
TRADIÇÃO TUPIGUARANI
+ FASE IPORÁ
0 15 30 45 60 75Km

Fig. 2

ARQUEOLOGIA DE GOIÁS

OS HORTICULTORES DO CENTRO-SUL



AS TRADIÇÕES DE HORTICULTORES NO CENTRO-SUL DE GOIÁS, E SUAS POSSÍVEIS MIGRAÇÕES

Fig. 3

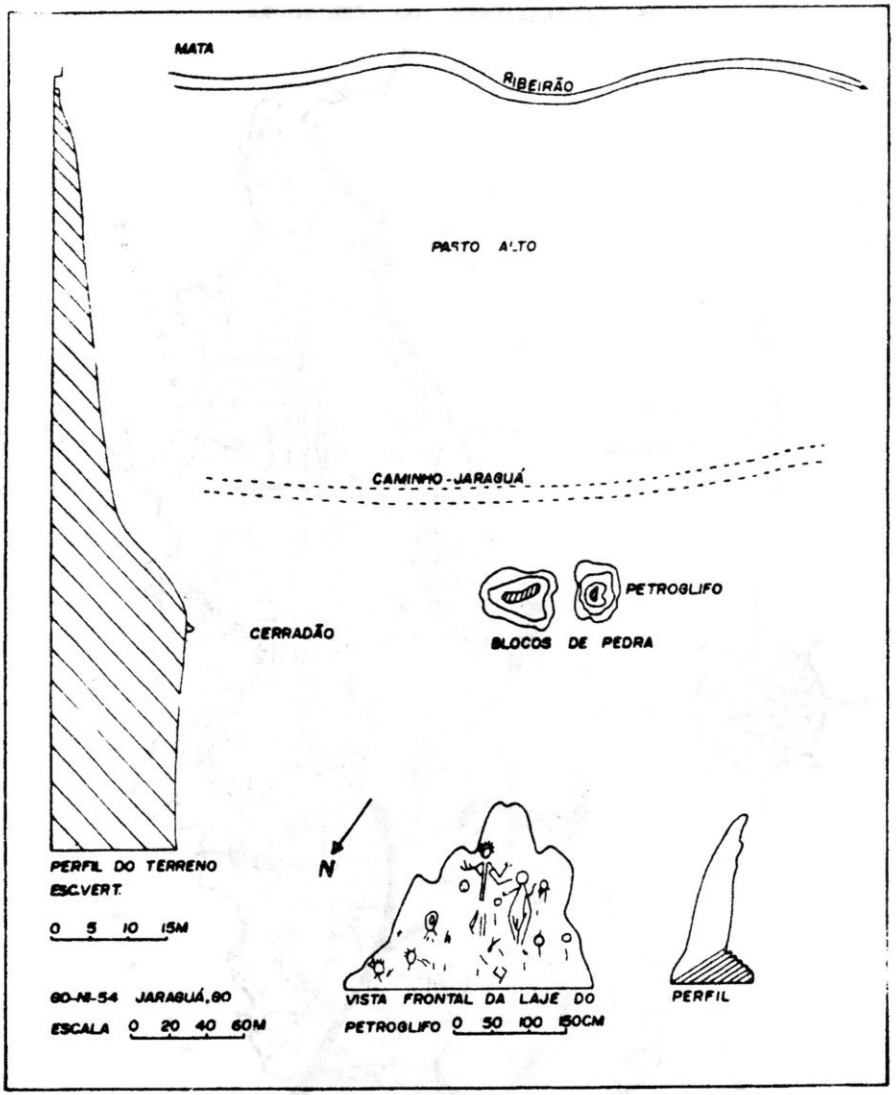

MATA
RIBEIRÃO
PASTO ALTO
CAMINHO - JARAGUÁ
PETROGLIFO
BLOCOS DE PEDRA
CERRADÃO
PERFIL DO TERRENO
ESC. VERT.
0 5 10 15M
N
VISTA FRONTAL DA LAJE DO PETROGLIFO 0 50 100 150CM
PERFIL
60-NI-54 JARAGUÁ, GO
ESCALA 0 20 40 60M

Fig. 4

Fig. 5

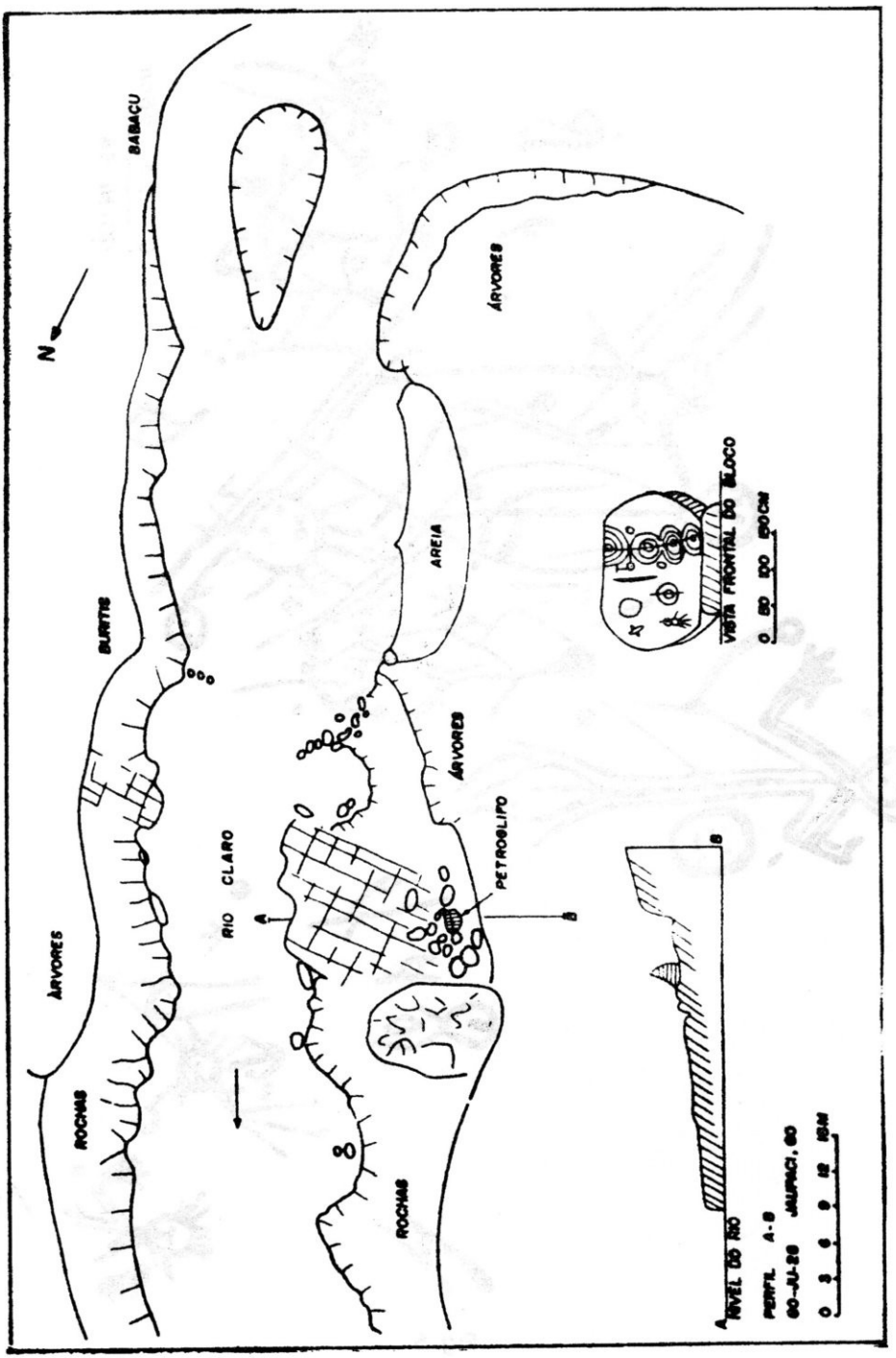

N
BABAÇU
BURITIS
ÁRVORES
ROCHAS
RIO CLARO
AREIA
ÁRVORES
PETROGLIFO
ROCHAS
A
B
VISTA FRONTAL DO BLOCO
NÍVEL DO RIO
PERFIL A-B
GO-JU-20 JAURACI, GO

Fig. 6

Fig. 7

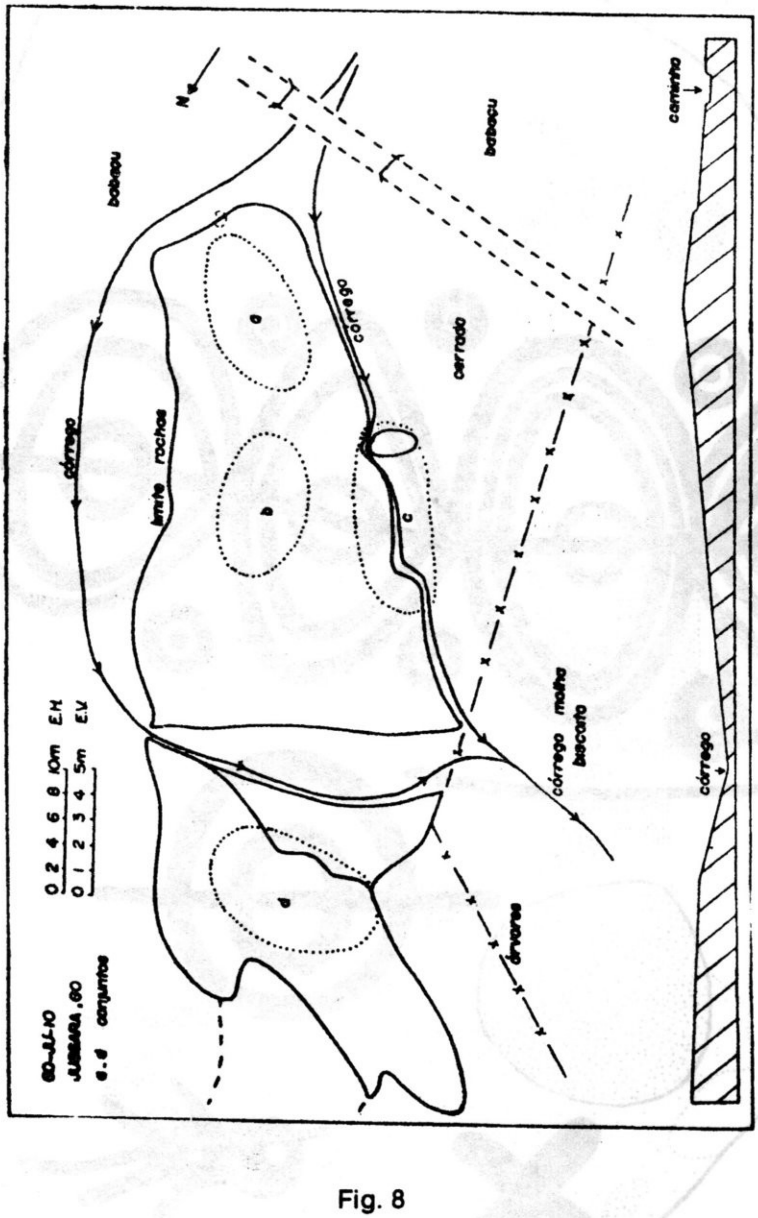

N
babaçu
babaçu
córrego
córrego
córrego
córrego
limite rochas
cerrado
árvores
caminho
a
b
c
d
0 2 4 6 8 10m E.H.
0 1 2 3 4 5m E.V.

Fig. 8

Fig. 9

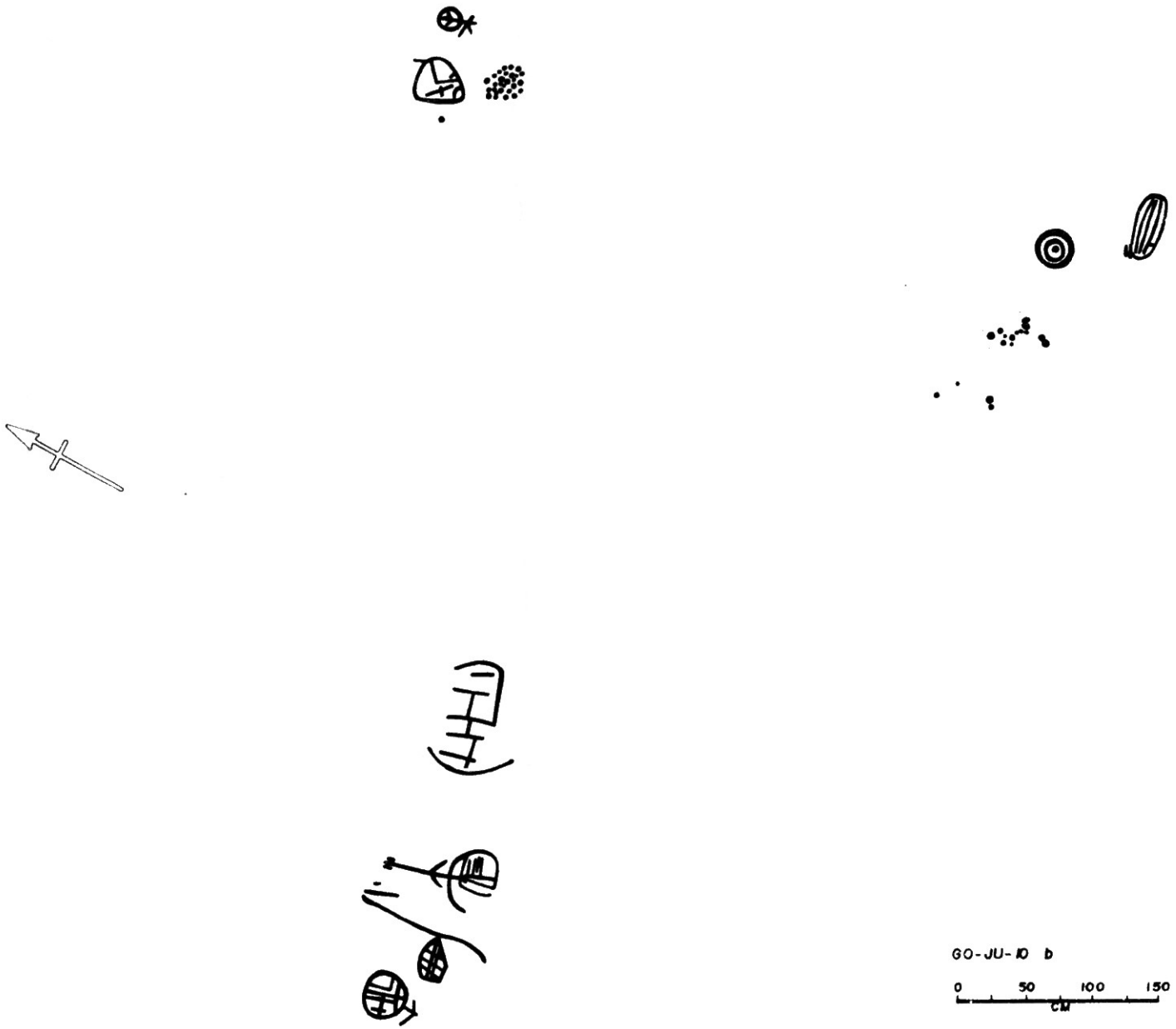


Fig. 10

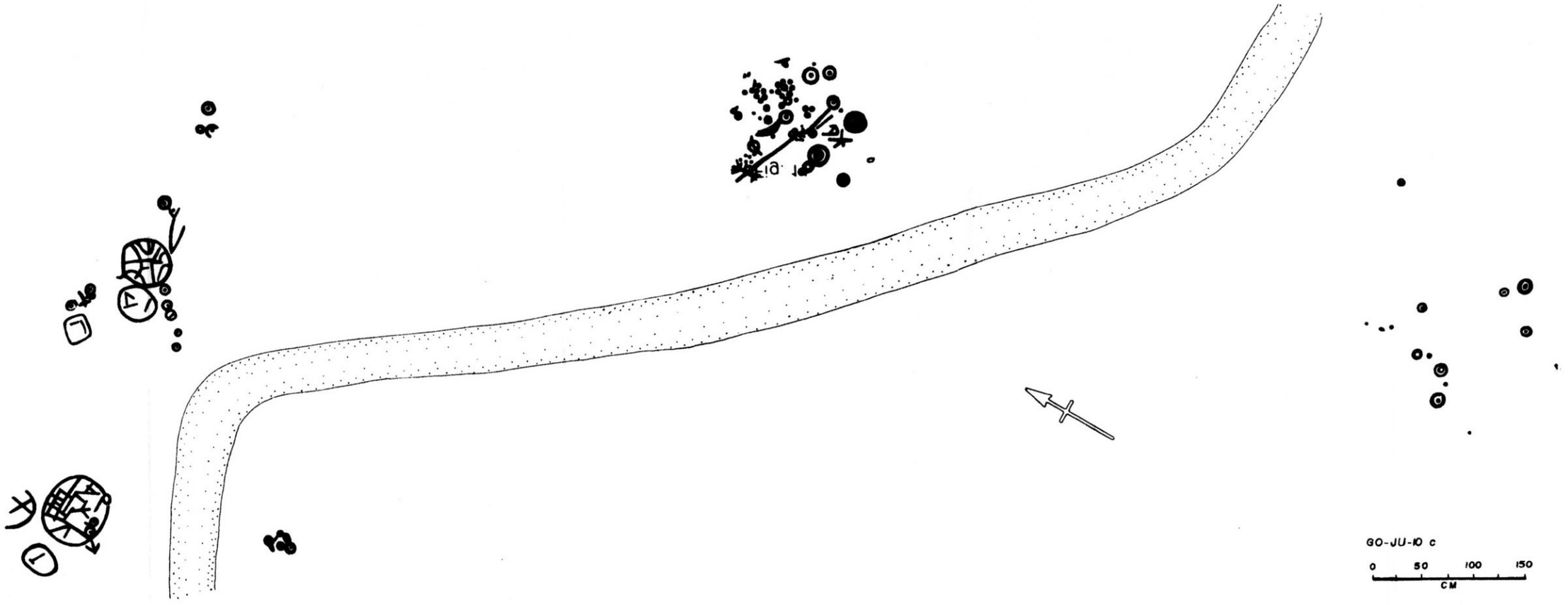

P1
GO-JU-10 c
0 50 100 150
CM

Fig. 12

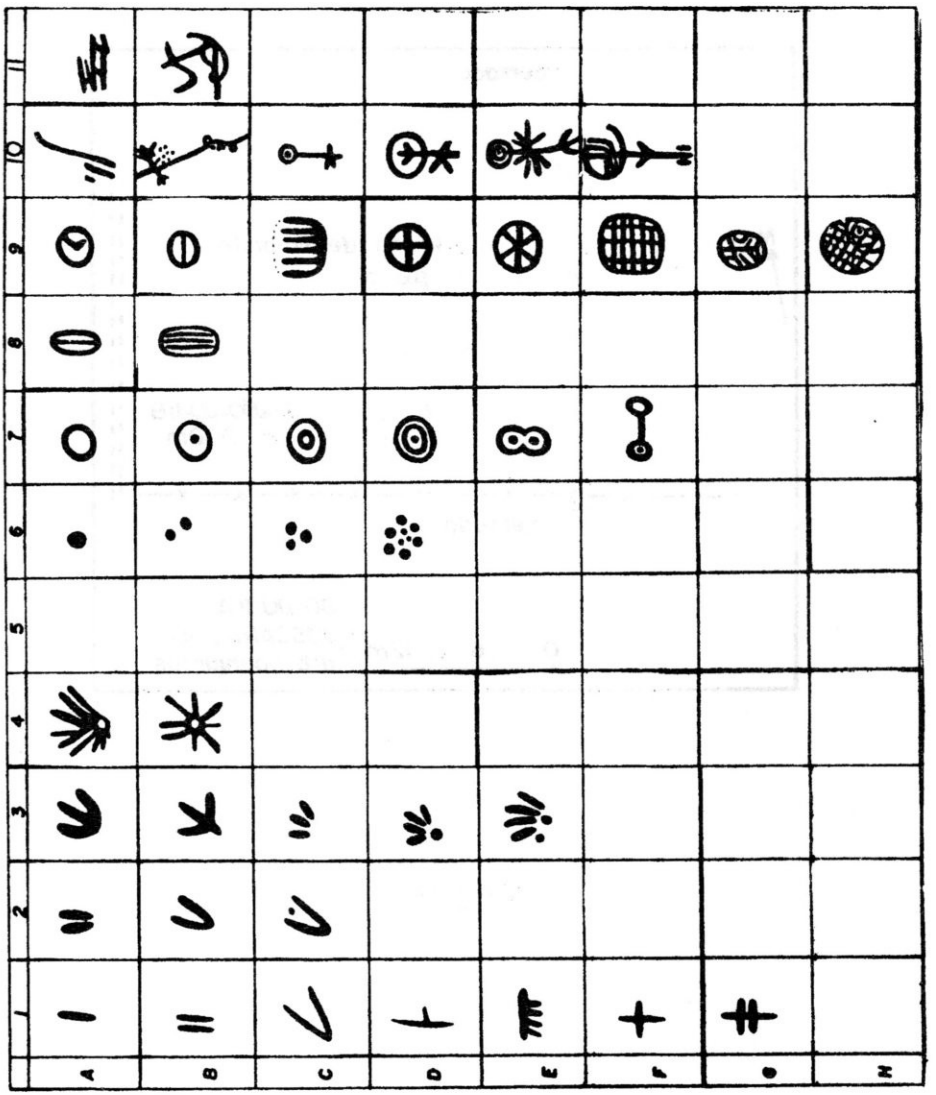

SÍTIO GO-JU-IO TABULAÇÃO DOS MOTIVOS
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
A
B
C
D
E
F
G
H

Fig. 13

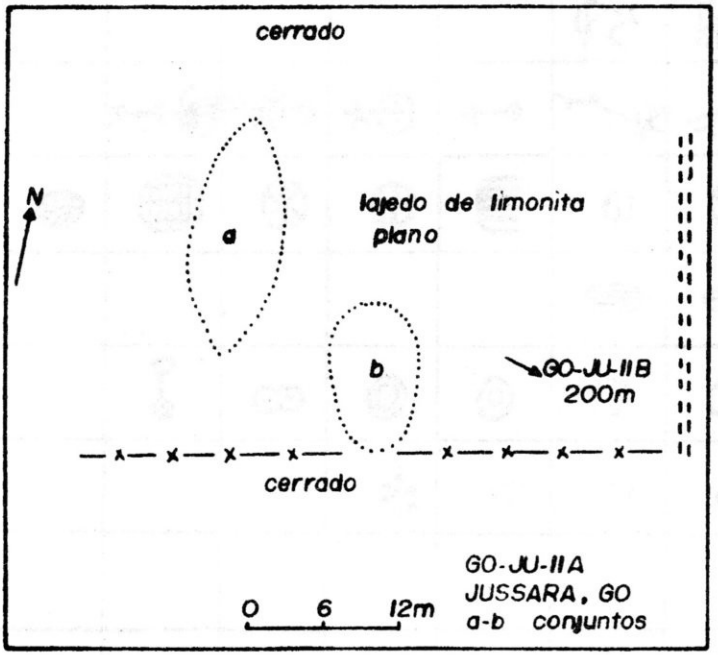

cerrado
N
a
lajedo de limonita
plano
b
GO-JU-IIB
200m
cerrado
GO-JU-IIA
JUSSARA, GO
a-b conjuntos
0 6 12m

Fig. 14

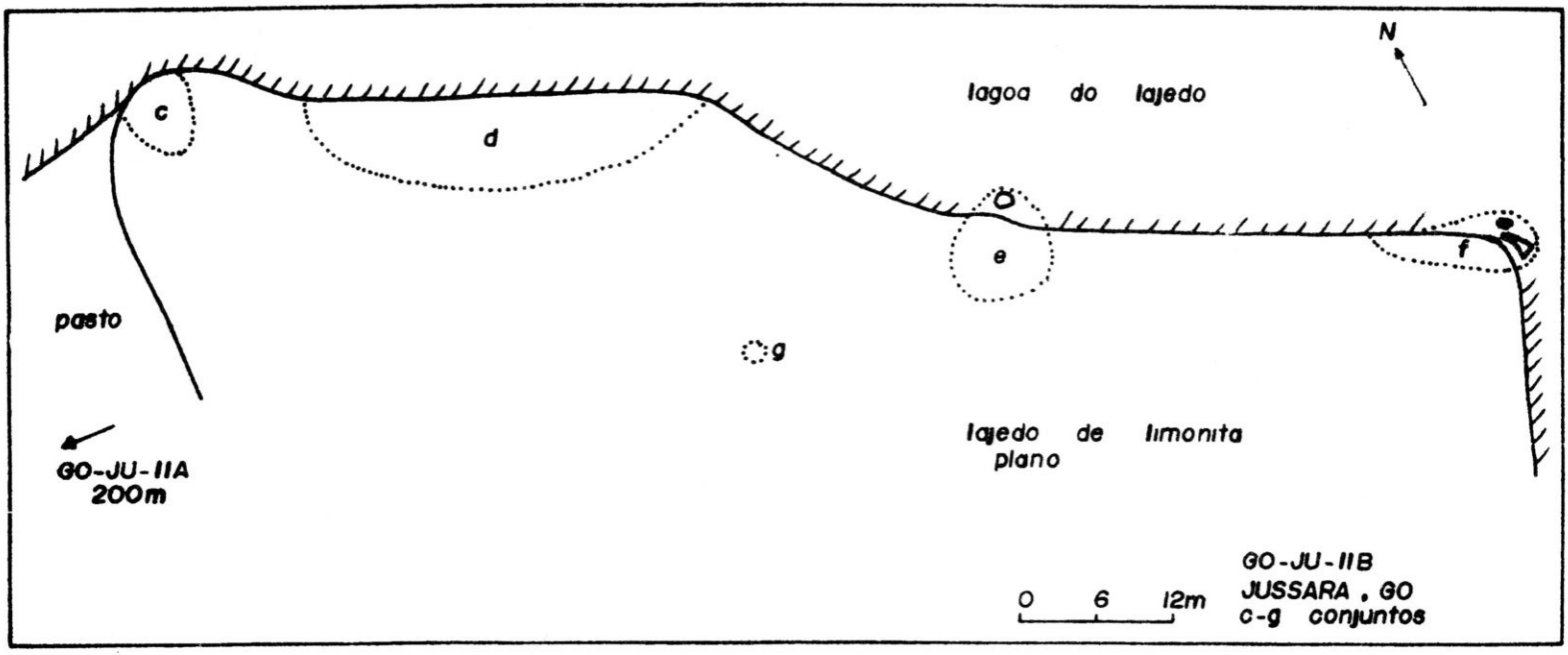

N
lagoa do lajedo
c
d
e
f
g
pasto
GO-JU-IIA
200m
lajedo de limonita
plano
GO-JU-IIB
JUSSARA , GO
c-g conjuntos
0 6 12m

Fig. 15

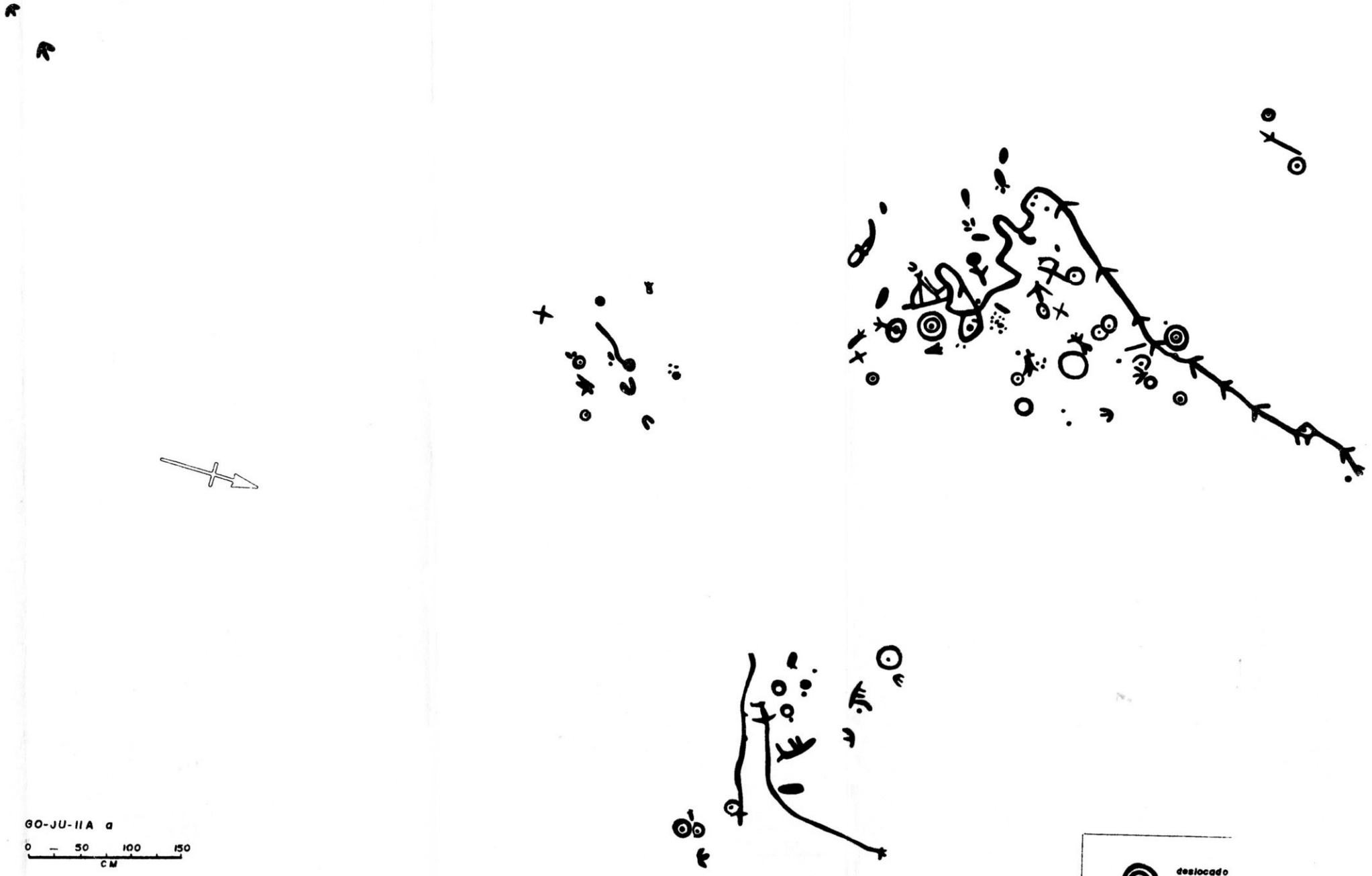


Fig. 16

Fig. 17

Fig. 18

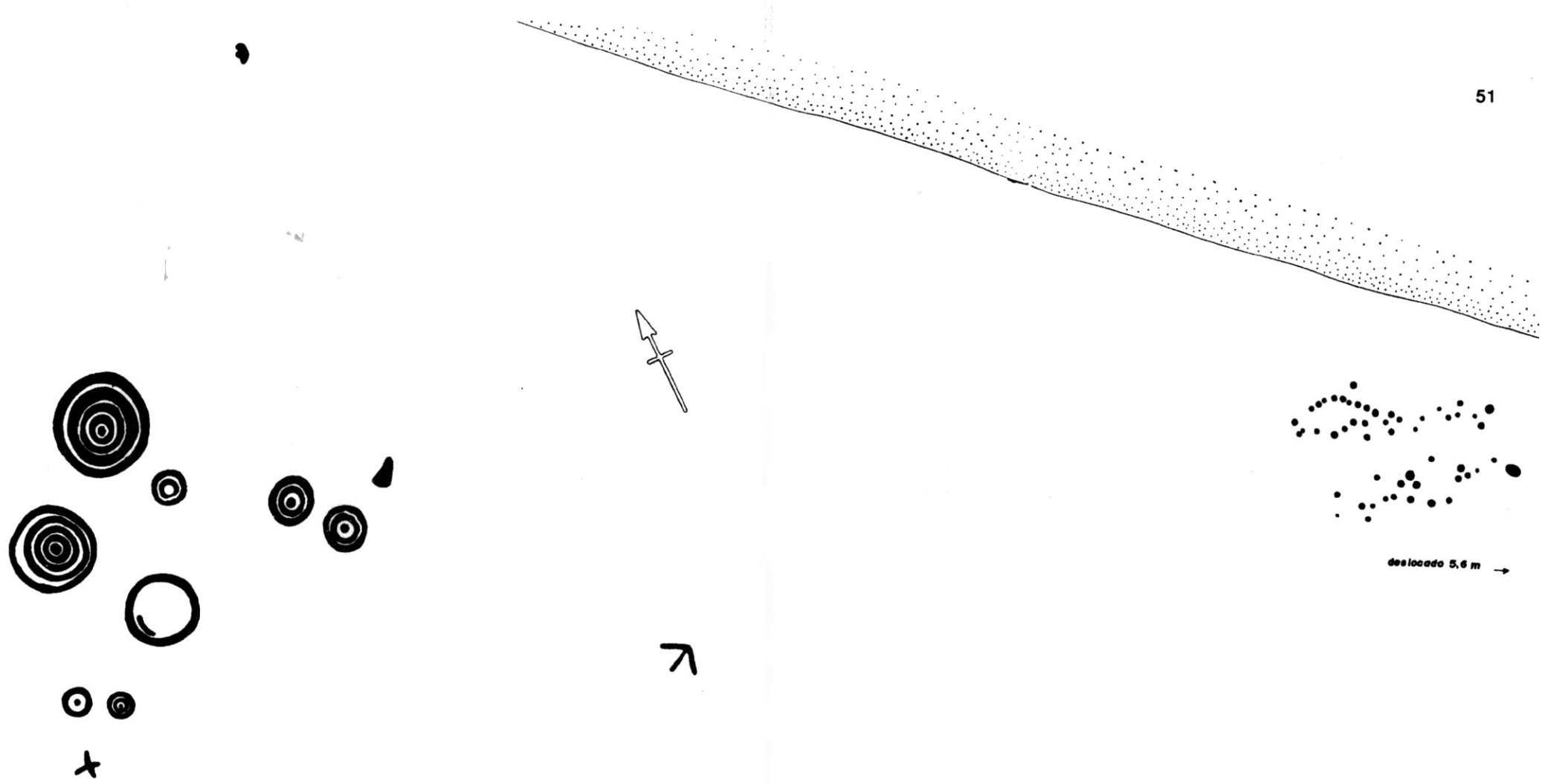


Fig. 19

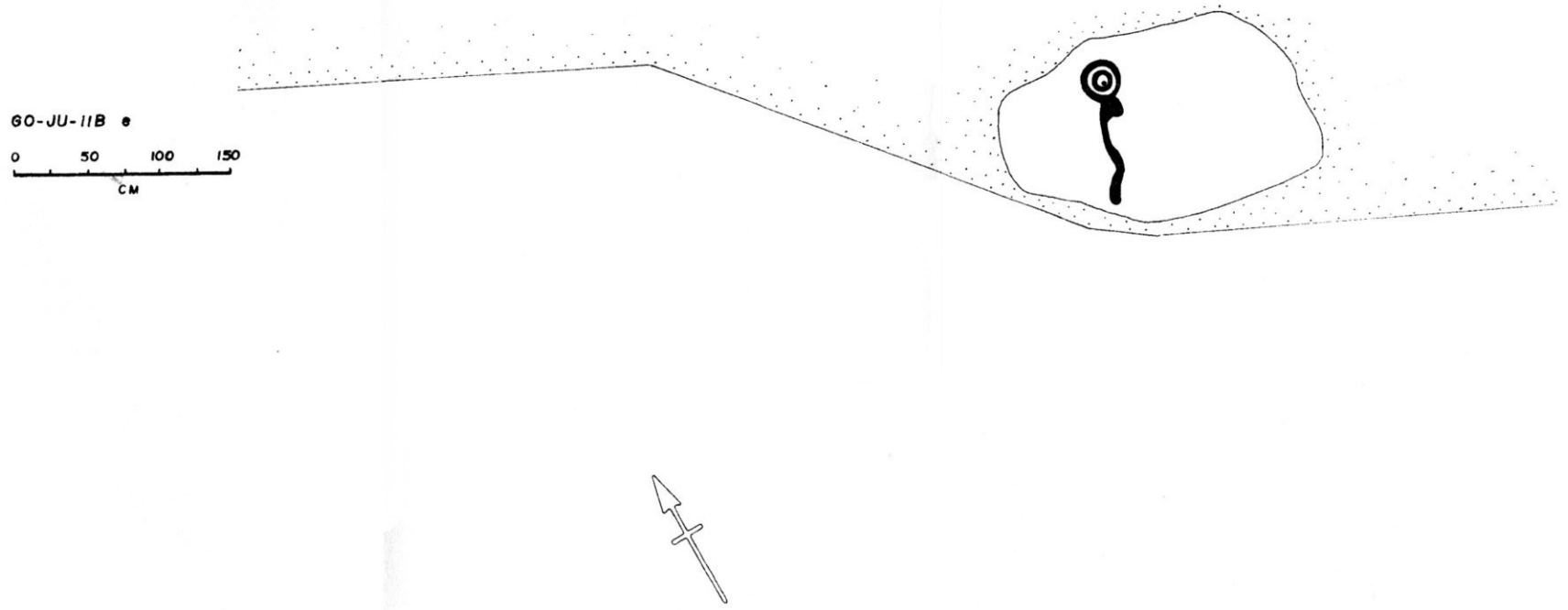


Fig. 20

Fig. 21

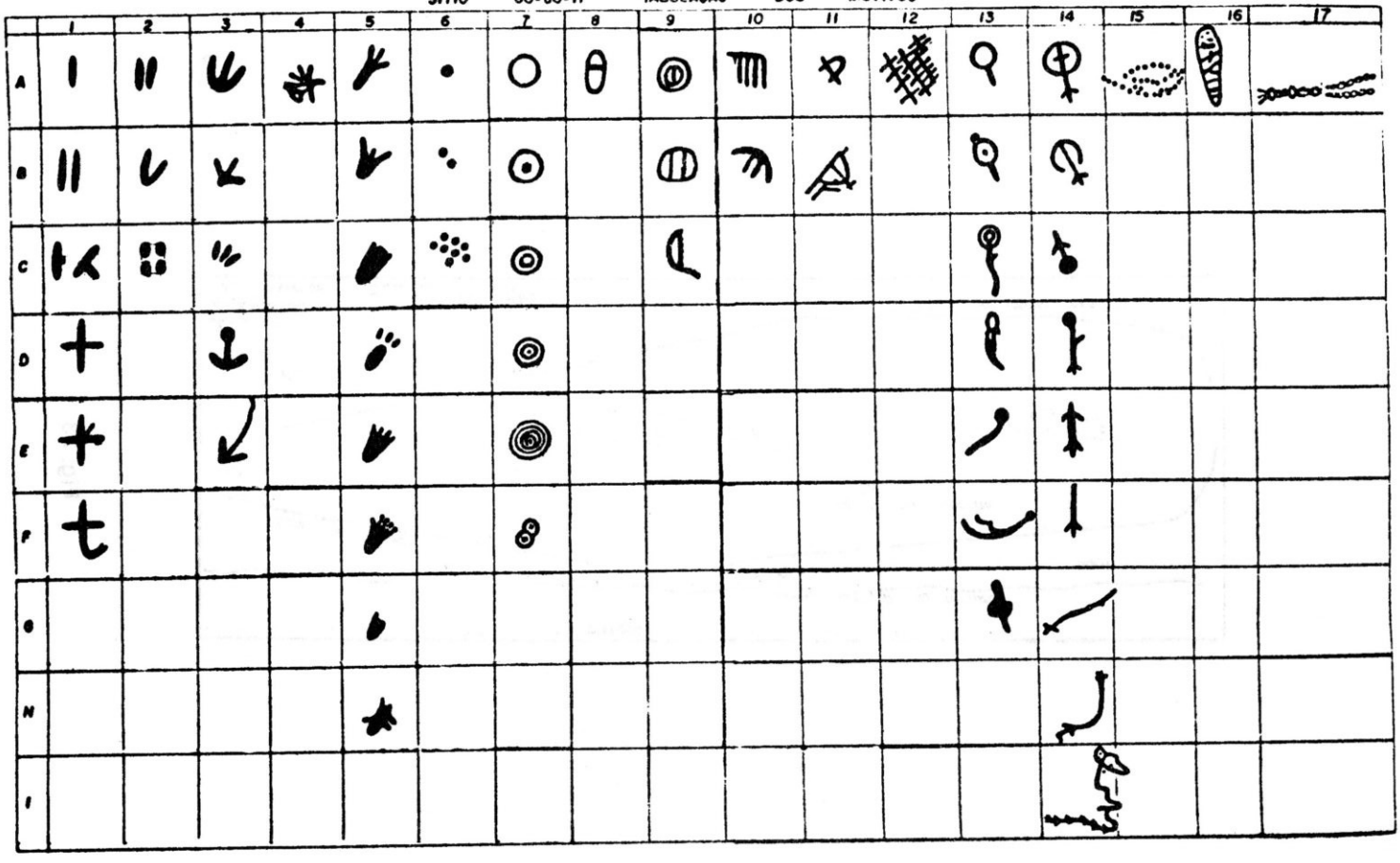

SÍTIO GO-JU-11 TABULAÇÃO DOS MOTIVOS
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17
A
B
C
D
E
F
G
N
I

Fig. 22

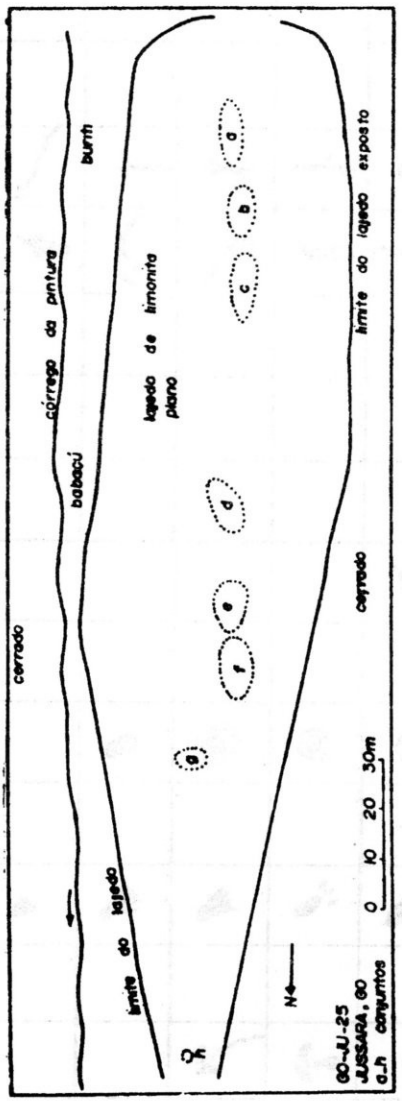

cerrado
córrego da pintura
buriti
babaçú
limite do lajedo
lajedo de limonita
plano
a
b
c
d
e
f
g
limite do lajedo exposto
cerrado
N
0 10 20 30m
GO-JU-25
JUSSARA, GO
c_h conjuntos

Fig. 23

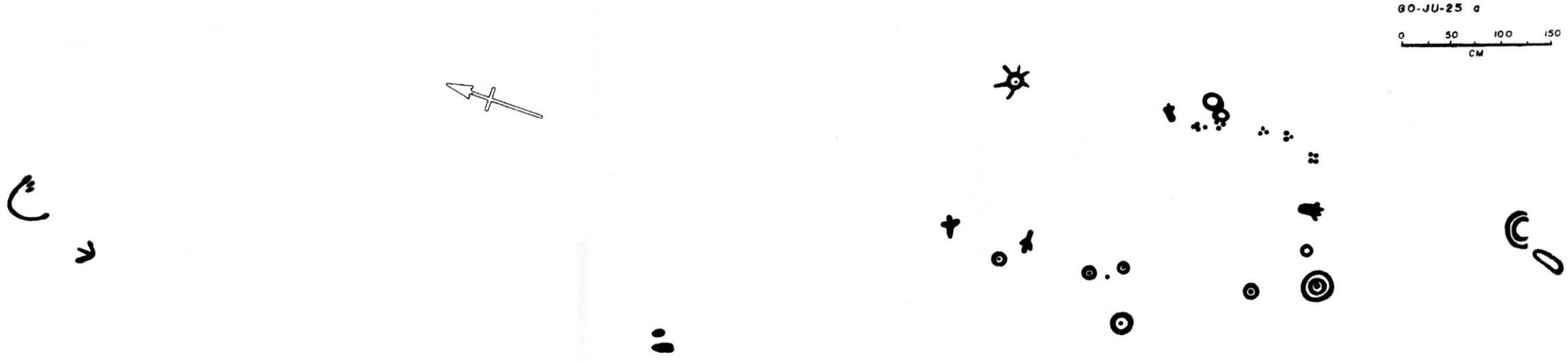


Fig. 24

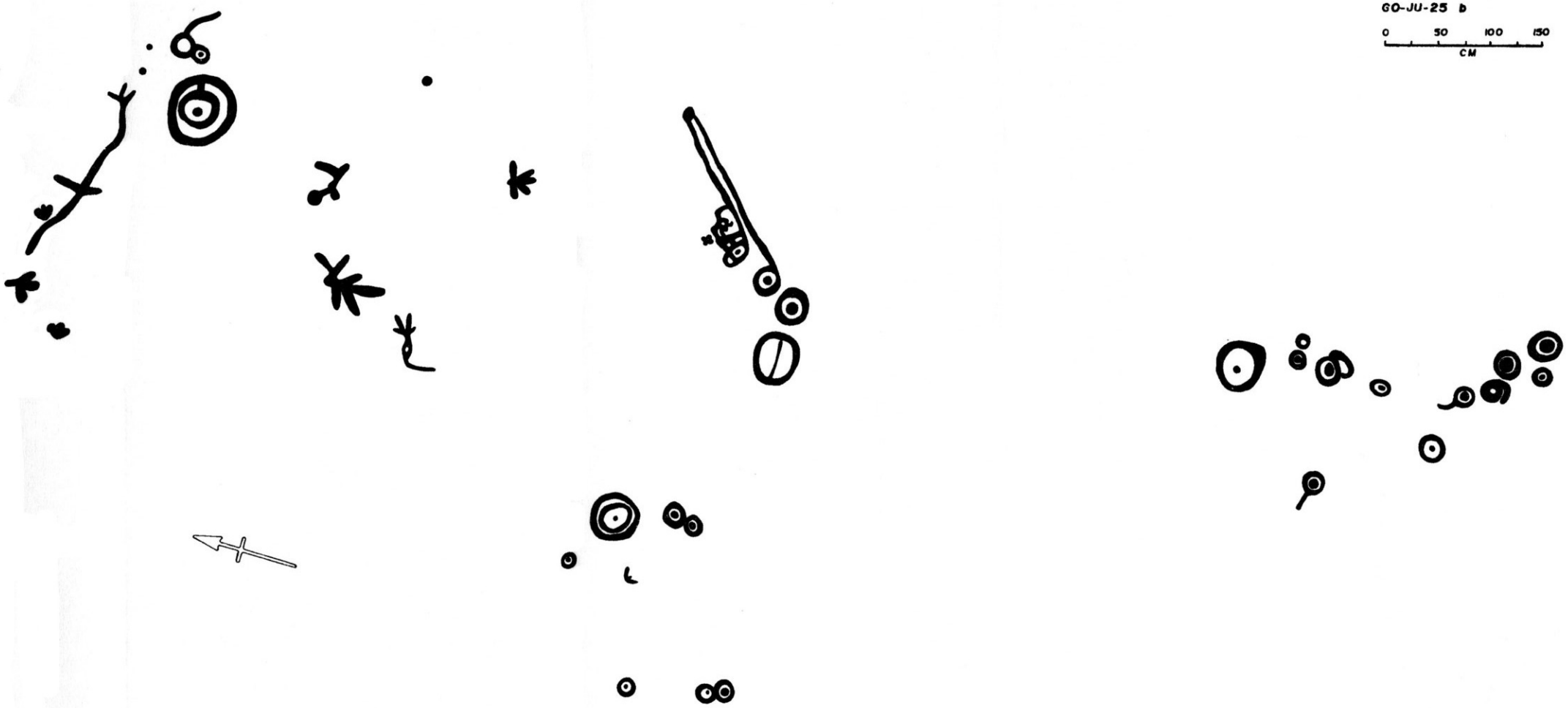


Fig. 25

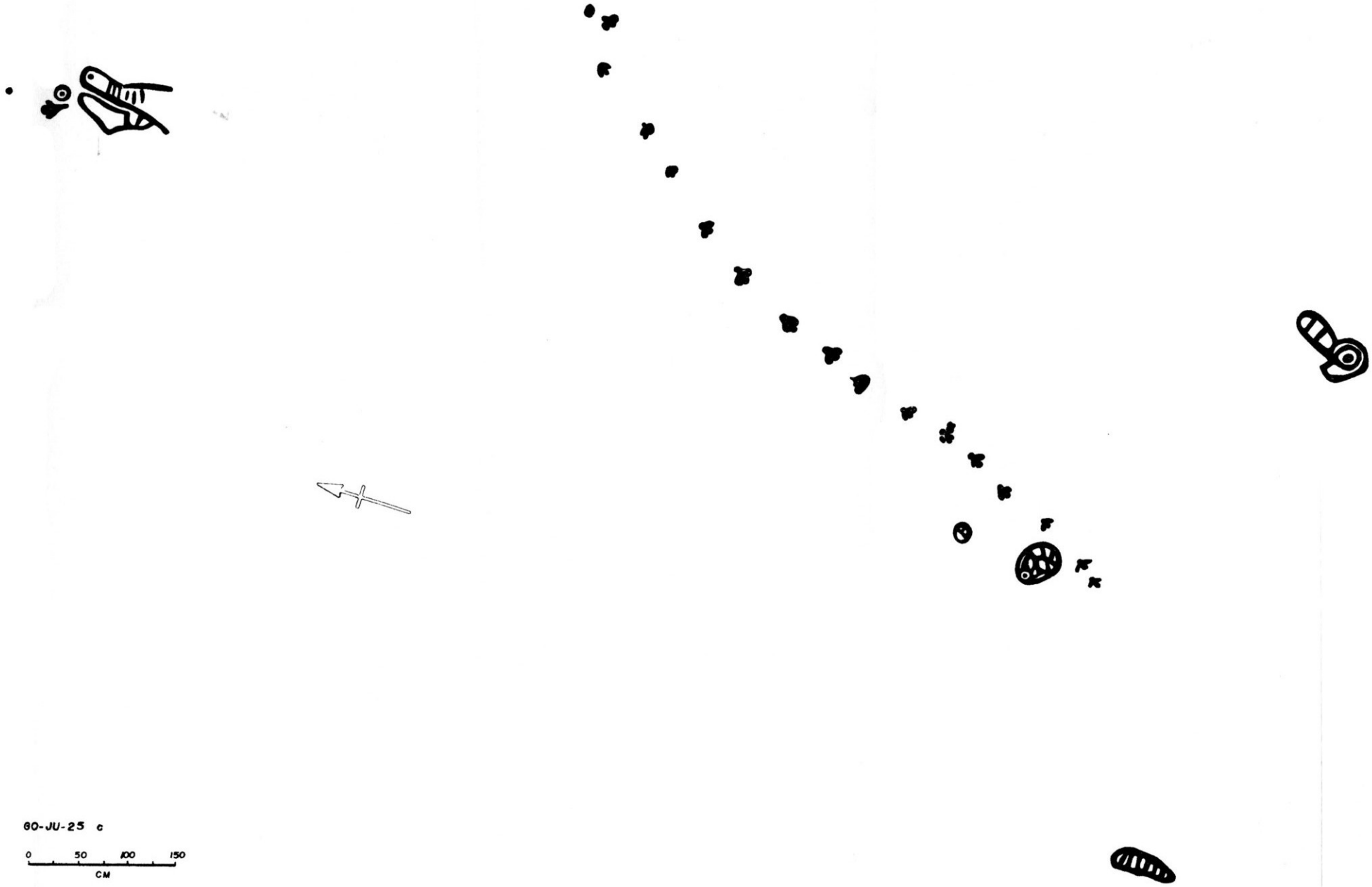


Fig. 26

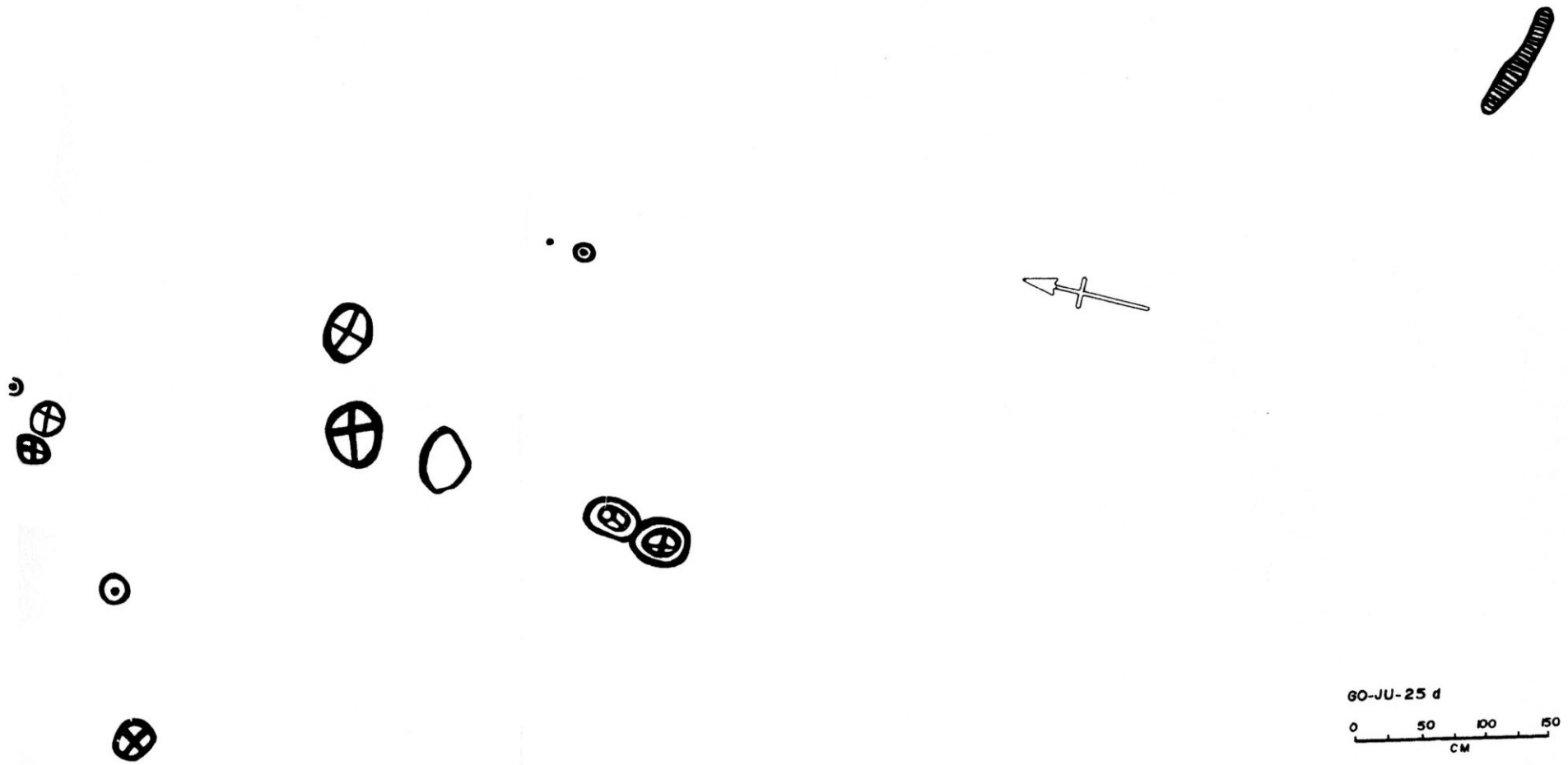


Fig. 27

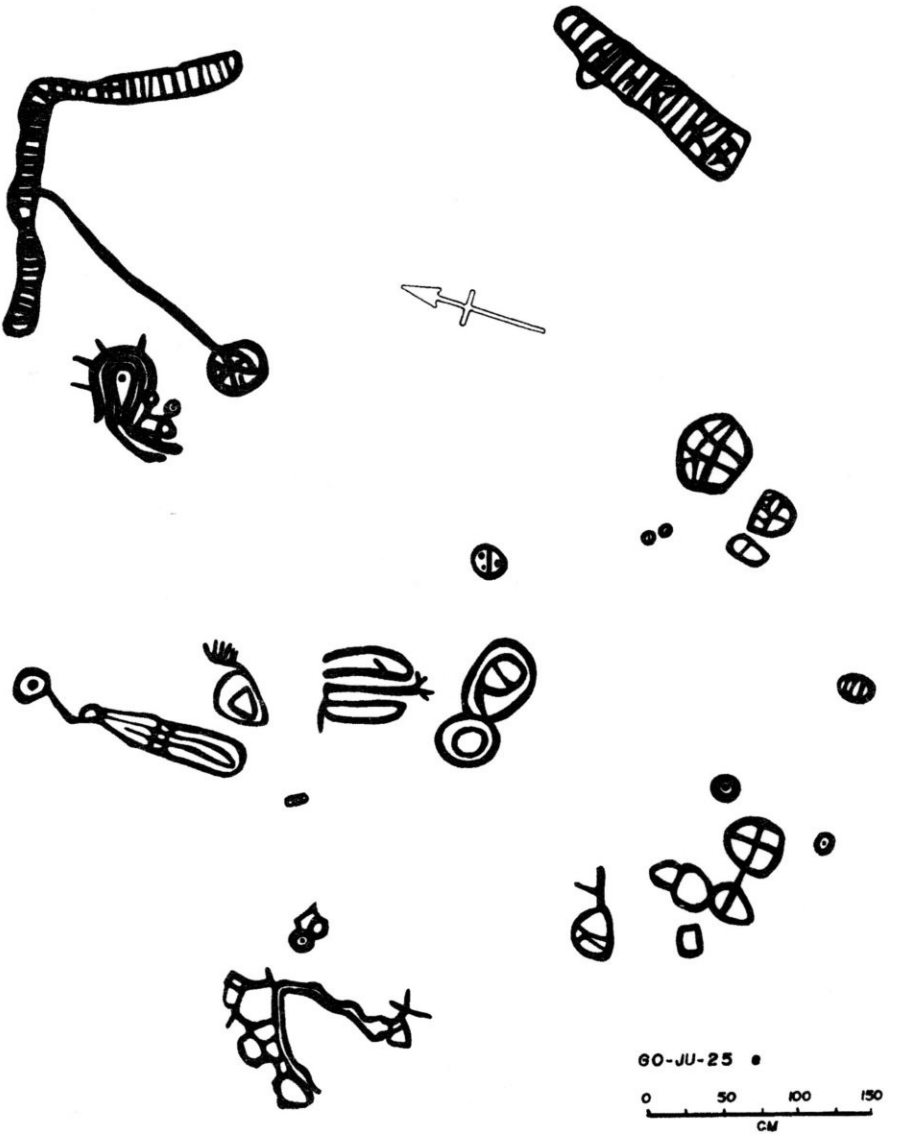


Fig. 28

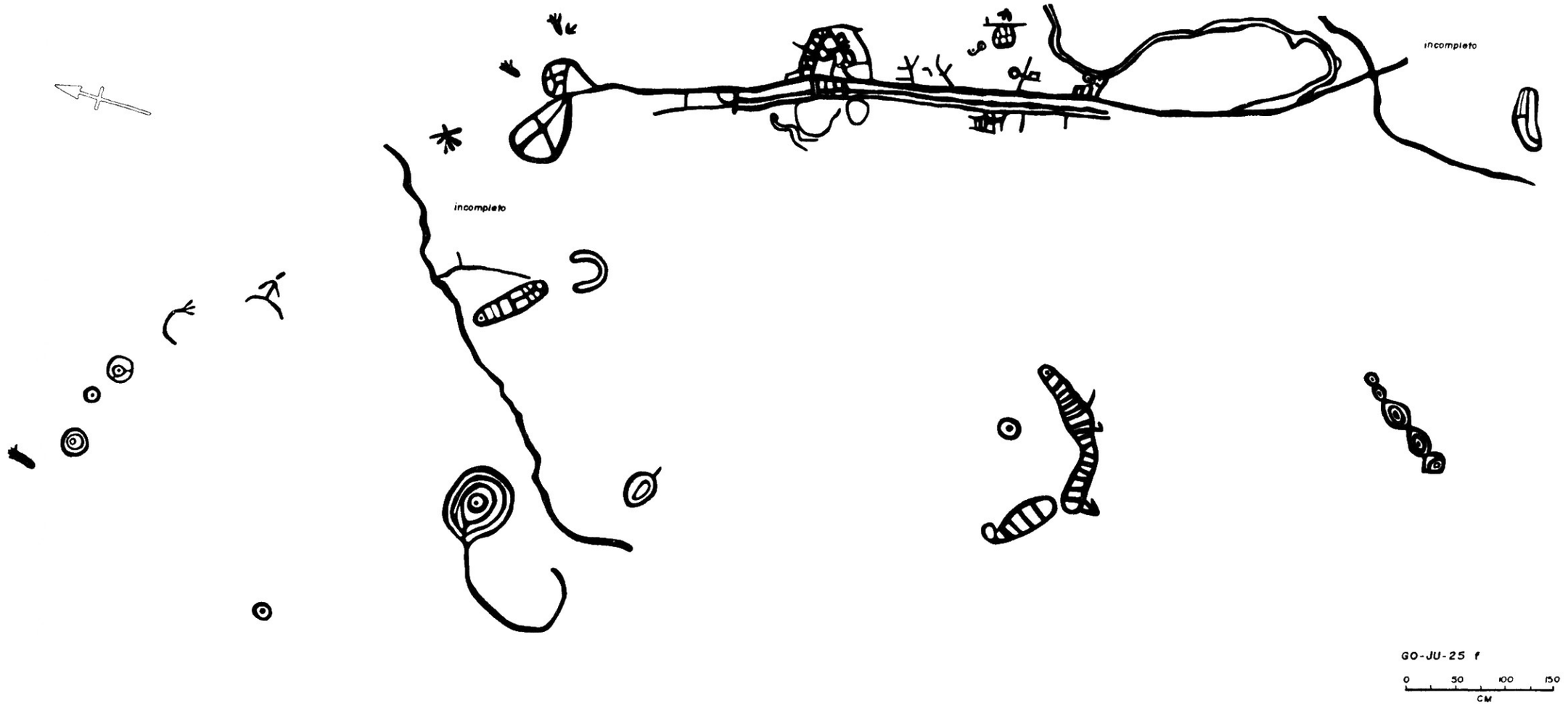


Fig. 29

Fig. 30

SÍTIO GO-JU-25 TABULAÇÃO DOS MOTIVOS

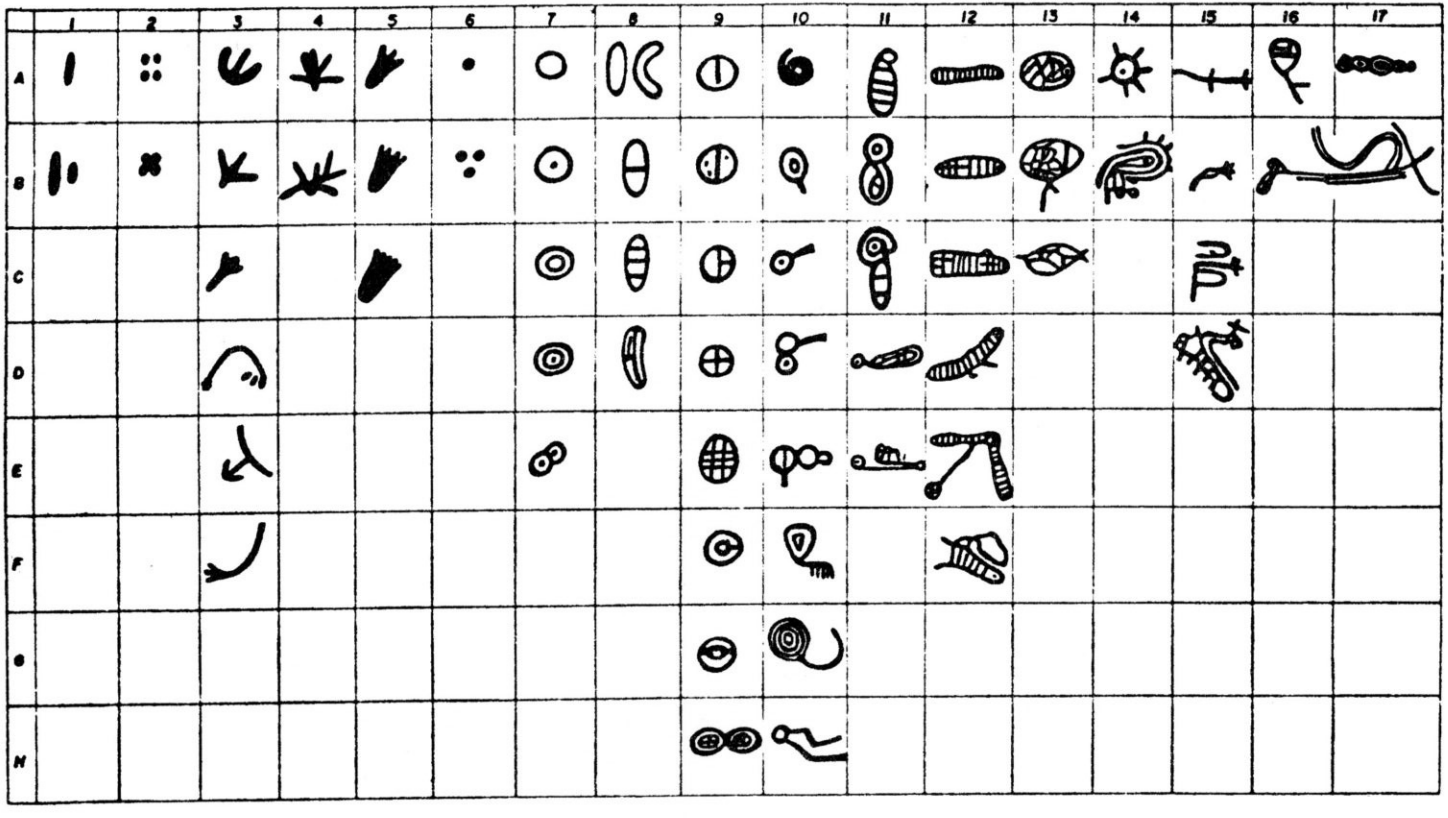


Fig. 31

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** – Inácio Schmitz, S.J. – Pesquisas 1, 1957 122 – 142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** – José de Moura, S.J. – Pesquisas 1, 1957, 143 – 180, 293 – 295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** – Inácio Schmitz, S.J. – Pesquisas 2, 1958, 113 – 143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** – Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas, 3, 1959, 199 – 266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** – Inácio Schmitz, S.J. – Pesquisas 3, 1959, 267 – 324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina,** Südbrasilien – Guilherme Tiburtius – Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** – Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. – Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** – Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** – J. Hasler – Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Munkü, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** – José de Moura, S.J. – Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte,** aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. – Guilherme Tiburtius – Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** – Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** – Igor Chmyz – Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense,** IV (1961) – Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1962, Antropologia nr.14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina.** I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga – Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** – Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros – Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** – João Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** – Pesquisas 1968. Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** – João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** – Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** – Tom O. Miller, Jr. – Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** – João Alfredo Rohr, S.J. – Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig. 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho** (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte – Pedro Ignácio Schmitz e outros – Pesquisas 1970, Antropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** – João Alfredo Rohr, S. J. – Pesquisas 1971, Antropologia nr. 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** – Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. – Pesquisas 1973, Antropologia nr. 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** – Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. – Pesquisas, 1974, Antropologia nr. 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** – Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. – Pesquisas 1974, Antropologia nº 27, 84 páginas.
28. **História dos Mùnkù (Iránxe)** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. – Pesquisas 1975, Antropologia nº 28, 40 páginas.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul – Itala Irene Basile Becker – Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264 pp.**